

Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação – FACE
Curso de Letras

**A Carta de Pero Vaz de Caminha:
breve estudo das palavras gramaticais**

Brasília, novembro de 2005

Alessandra Vicente Martins

**A Carta de Pero Vaz de Caminha:
breve estudo das palavras gramaticais**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, tendo Professora Orientadora Maria Catharina Pires de Mello.

Brasília, novembro de 2005

Este trabalho é dedicado primeiramente a Deus, que me deu graça para alcançar um curso de nível superior e ao meu querido pai Antônio por sua dedicação, carinho e compreensão.

Agradeço ao Rafael pelo incentivo e apoio e a professora Catharina, por ter atuado como orientadora do presente trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa justifica-se pelo interesse que tenho nos temas diacrônicos e pela necessidade existente de estudos aprofundados em diacrônia, que permitam o melhor conhecimento acerca da evolução da língua portuguesa. A seleção pela Carta de Pero Vaz de Caminha foi baseada no fato de ser um texto português escrito em território brasileiro. Imagina-se que os estudos diacrônicos do português do Brasil devam começar por esse documento, que a partir do século XIX, passou a ser considerado como a “certidão de nascimento do Brasil”. Diante disso, verificou-se a necessidade da realização de pesquisas científicas na Carta, a fim de avaliar as palavras gramaticais e palavras lexicais, contidas no mesmo, confrontando-as com as normas convencionadas para a língua portuguesa dos dias atuais. O objetivo foi identificar as palavras gramaticais e lexicais presentes na Carta, mostrando como estas palavras eram escritas em 1500 e como hoje são escritas, evidenciando dessa maneira a evolução da língua portuguesa. Esta pesquisa evidencia que a língua portuguesa, na época em que foi escrita a Carta de Pero Vaz de Caminha, ainda não estava estruturada teoricamente, uma vez que a primeira gramática da língua portuguesa – *Grammatica da lingoagem portuguesa* – de Fernão de Oliveira tem sua primeira edição em 1535, o que permitiu o uso de uma língua escrita, com a mesma segmentação de fala, isto é, as palavras átonas apóiam-se nas palavras tônicas. A ortografia de Caminha reproduz a oralidade, ou seja, uma escrita intuitiva sem padrão pré-estabelecido mantendo a mesma naturalidade das crianças em período de alfabetização. Percebe-se que o processo de formação e evolução da língua portuguesa, respeitou exatamente ao desenvolvimento já observado nas crianças. Tal fato pode ser confirmado mediante simples observação em textos históricos, como o sob análise.

Palavras chave: lingüística, palavras gramaticais, Carta de Pero Vaz de Caminha.

SUMÁRIO

Introdução.....	06
Capítulo 1 - A Carta: contexto histórico.....	09
1.1 - O autor e sua época.....	15
1.2 - Características da Carta.....	16
Capítulo 2 - Palavras gramaticais e palavras lexicais: o que diz a gramática.....	18
2.1 - A gramática natural de cada falante.....	22
Capítulo 3 - Análise das palavras gramaticais na Carta de Pero Vaz de Caminha.....	33
Conclusão.....	47
Referências.....	48
Anexo 1 – Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal / Texto Original.....	51
Anexo 2 – Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal / Manuscrito Original.....	81

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da civilização, a escrita destacou-se como rocha fundamental do saber humano. Por meio dela, eventos, fatos e até mesmo a história pode ser registrada permitindo assim a perpetuação do conhecimento.

Durante o período das grandes navegações a Europa ansiava pela conquista das Índias e suas riquezas. A frota de Pedro Álvares Cabral partiu com esta intenção, mas, por motivos naturais, relacionados aos ventos contrários, ou por ordem do capitão-mor, a armada deslocou-se para o oeste, em vez da rota sul, permitindo assim a descoberta do Brasil. Havia então, a necessidade de registrar cada evento importante e informá-los ao rei do país colonizador.

Neste contexto, ressalta-se a Carta escrita por Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, Dom Manuel I, datada de 01/03/1500, que registra detalhadamente, os eventos e descobertas do que mais tarde seria um novo país, o Brasil.

Tal Carta é um documento importante, pois possui uma trajetória misteriosa tendo passado três séculos completamente desconhecido, porque os historiadores da época não lhe atribuíram a devida importância. Sendo publicado, pela primeira vez, somente em 1817, pelo padre Manuel Aires do Casal. E a partir do século XIX, passou a ser considerada como a “certidão de nascimento” do Brasil.

Diante disso, verificou-se a necessidade da realização de pesquisas científicas na Carta, a fim de avaliar as palavras gramaticais e palavras lexicais,

contidas na mesma, confrontando-as com as normas convencionadas para a língua portuguesa dos dias atuais.

O primeiro capítulo apresenta o contexto histórico em que a Carta foi escrita: o período das grandes navegações e colonizações, e anuncia ao rei de Portugal, Dom Manuel I, o descobrimento da nova terra, informa sobre a viagem, os episódios ocorridos durante a estada da expedição no Brasil, a fauna e a flora brasileira e os nativos. Neste capítulo também há dados sobre o autor, que se destacou, em sua época, pela forma de apresentação de seus relatórios, e por isso, viajou com a frota de Cabral, encarregado do relato da viagem ao rei de Portugal. Há, também, uma rápida descrição das características da Carta como: número de páginas, a forma da letra, a classificação da escrita e as medidas.

O segundo capítulo enfoca as palavras gramaticais e palavras lexicais de acordo com a gramática. Explicita as diferenças entre ambas e apresenta suas características e as separa em dois grupos: as de natureza gramatical em um grupo fechado ao qual dificilmente se acrescentam palavras “novas” e as palavras lexicais em um grupo aberto que são alvo de criação. Ainda, neste capítulo, enfoca o saber intuitivo, não discursivo no qual a criança e o falante não escolarizado sabem tudo aquilo que precisam para falar em seu nível de comunicação. Apenas, não conhecem os termos técnicos da classificação gramatical.

No terceiro, é apresentada a análise das palavras das palavras gramaticais contidas na Carta. É feito um recorte lingüístico nas palavras gramaticais e lexicais e em seguida a adaptação para o português contemporâneo.

Como a pesquisa monografia de conclusão de curso tem tempo limitado, não foi possível fazer o estudo em todo texto da Carta, desta forma, foram analisadas as sete primeiras folhas, ficando o restante para outra oportunidade.

CAPÍTULO 1

A CARTA: CONTEXTO HISTÓRICO

O período de 1500 foi marcado pelas grandes navegações. Nesta época o continente europeu, particularmente, portugueses, espanhóis, italianos, realizava navegações em direção ao oriente. A Europa ansiava pela conquista das Índias e suas riquezas, as tão desejadas especiarias. Portugal dominava este período de navegações, no início do século XV tornou-se centro de estudos de navegação com estímulo do Infante D. Henrique, o grande impulsionador dos descobrimentos, que fundou, entre 1416 e 1419, uma vila no promontório Sacrum, já conhecido pelos romanos, hoje, Sagres, onde estabeleceu uma escola de cosmografia e navegação que teve por principal missão, conhecer as terras do ocidente, além, claro da chegada às Índias. D. Henrique projetava atacar os mouros no oriente, na origem do próprio comércio que os enriquecia, fazer pelo Atlântico esse comércio nos navios de Portugal, tornar Lisboa o empório das apreciadas especiarias. Para isso precisava descobrir o caminho marítimo para a Índia e ter uma aliança, a do Preste João, imperador dos cristãos de S. Tomé, que serviria de apoio às suas frotas em tão afastadas regiões. Os cronistas e os documentos estabelecem claramente que desde o início das descobertas a intenção era de chegar à Índia, mas nada comentam acerca das intenções particulares do Infante.

Os Descobrimientos Portugueses constituem um processo de enorme importância para o progresso da história da humanidade, pois foi através deles que Portugal contribuiu de forma decisiva para a modernidade, o conhecimento de toda a Terra e o relacionamento entre os homens de todos os continentes, alterando de

forma radical a anterior situação de isolamento das várias civilizações. Os navegadores portugueses tinham por objetivo alcançar as Índias contornando o sul africano. Foram mais de oitenta anos de tentativas, da tomada de Ceuta no norte da África em 1415, até a chegada às Índias, em 1498, em viagem realizada por Vasco da Gama. Os lucros trazidos pela viagem de Vasco da Gama incentivaram os portugueses a organizar nova expedição o mais rápido possível. Ela partiu de Lisboa, liderada por Pedro Álvares Cabral rumo às Índias com uma frota composta de doze navios e uma caravela com mantimentos, com cerca de 1500 soldados, além de tripulantes e religiosos, na armada iam cinco frades e ainda Frei Henrique, todos franciscanos, o feitor era Aires Correia, que exercia o mesmo cargo em Calecute. Escrivães iam dois, Gonçalo Gil Barbosa e Pero Vaz de Caminha. Para integrar uma expedição tão importante foram mobilizados os melhores soldados, marinheiros, cientistas, tradutores e comandantes disponíveis. Uma característica peculiar era a participação de vários elementos da nobreza a começar pelo capitão-mor, Pedro Álvares Cabral. Os capitães dos navios eram Sancho de Tovar, Simão de Miranda Azevedo, Aires Gomes da Silva, Nicolau Coelho, Bartolomeu Dias, Diogo Dias, Gaspar de Lemos, Luís Pires, Simão de Pina, Pero de Ataíde Inferno, Vasco de Ataíde e Nuno Leitão. Iam os cosmógrafos Duarte Pacheco e mestre João, físico¹ de el-rei.

Na véspera da viagem, em homenagem a esquadra houve missa, procissão e festejos com a presença do rei D. Manuel I. Depois da missa, o rei entregou ao capitão-mor da esquadra uma bandeira com a cruz da Ordem de Cristo e um

¹ Físico - médico da corte, na Idade Média. (Dicionário eletrônico Houaiss)

chapéu, símbolo do comando. O resto do dia transcorreu entre preces e festas. No dia seguinte, muito cedo, os navios partiram rumo às descobertas.

Pouco se conhece da vida do capitão-mor da esquadra até iniciar-se a memorável viagem. Sabe-se que Pedro Álvares Cabral descendia de uma família que serviu a dinastia de Avis, desde suas origens em 1385. Vários de seus membros chegaram a altos cargos administrativos e possuíam terras. A sucessão provada vem desde Pedro Annes, reposteiro-mor² de D. Afonso III, pai de Aires Cabral, alcaide-mor³ do castelo de Portalegre, avô de Álvaro Gil Cabral, que pelos feitos a favor de D. João I recebeu em 1384 a doação dos castelos da Guarda e Belmonte e morreu em 1433, estando sepultado num jazigo que ainda se conserva na Sé Velha de Coimbra. O pai, Fernão Cabral, se casou com uma herdeira rica, Isabel de Gouveia, tendo onze filhos, sendo Pedro Álvares o segundo e João Fernandes o primogênito. Fernão Cabral era fidalgo da casa de D. Afonso V e do conselho de D. João II, era conhecido pelo *Gigante da Beira*, por causa da sua estatura e força extraordinária. Pedro Álvares era também muito corpulento, o que ainda se reconheceu ao verificar a existência dos seus ossos no jazigo de Santarém. Cabral nasceu em Belmonte em 1467 ou 1468, casou com D. Isabel de Castro, sobrinha de Afonso de Albuquerque, e teve dois filhos e quatro filhas. Em 1484 entrou como moço fidalgo para a corte de D. João II. Segundo as *Lendas da Índia*, de Gaspar Correia, Cabral foi indicado para esse alto comando por Vasco da Gama, seu grande amigo, que como almirante do mar das Índias entendia muito de todos os

² Reposteiro-mor - fidalgo que, nas grandes solenidades, descobria a cadeira dos soberanos e colocava almofadas para que eles se ajoelhassem. (Dicionário eletrônico Houaiss)

³ Alcaide-mor - antigo governador de castelo, província ou comarca, com jurisdição civil e militar. **2** antigo funcionário incumbido de cumprir as determinações judiciais; oficial de justiça. (Dicionário eletrônico Houaiss)

assuntos que diziam respeito ao oriente. Pedro Álvares Cabral teria pouco mais de trinta anos quando assumiu o comando da frota.

A viagem de Cabral foi o maior empreendimento náutico que Portugal tinha feito naquela época. Cabral recebera instruções para visitar os reis de Zanzibar e de Melinde, negociar aliança com este, e obter do Samorim autorização para que os frades franciscanos pudessem pregar a fé cristã e licença para o estabelecimento de uma feitoria em Calecute. Dois dos navios deviam ficar em Sofala enquanto os outros seguiriam para a Índia. A finalidade da viagem era montar um entreposto comercial no continente indiano, Cabral levava uma carta para o governante de Calecute dizendo que queria manter boas relações. Iam dispostos a conseguir tudo isto pacificamente, só no caso de não o poderem fazer empregariam a força.

É interessante que apesar de Cabral perder a metade da frota, retorna com cinco navios, em termos comerciais e econômicos a viagem foi um total sucesso, porque os navios retornaram com especiarias trazidas do Oriente que deram para pagar toda a despesa desse empreendimento.



Mapa da rota da esquadra portuguesa

<http://www.irdeb.ba.gov.br/bahiahistoriadocdiariobordo.htm>

A partida foi na segunda-feira, 9 de março de 1500. No sábado, 14, chegou às ilhas Canárias; no domingo, 22, às ilhas do Cabo Verde; na segunda-feira, o navio de Vasco de Ataíde se perdeu, sem haver tempo forte ou contrário para isso ocorrer. Após várias diligências para procurar o navio perdido, sem sucesso, a frota de Cabral segue viagem e por motivos naturais, ligados ao regime de ventos e correntes marítimas, ou por ordem do capitão-mor, a armada deslocou-se para uma longitude mais ocidental, o desvio foi de tal forma grande, que a frota de Cabral foi levada para o oeste, em vez da rota sul, permitindo assim a chegada ao Brasil.

Em 21 de abril, uma terça-feira a frota vê alguns sinais de terra e na quarta-feira pela manhã do dia 22, avistam um grande monte, muito alto e outras serras mais baixas com grandes arvoredos, este monte recebeu o nome de Monte Pascoal, por estar na semana de Páscoa, e a terra recebeu o nome de Ilha de Vera Cruz,

nome mudado no ano seguinte para Terra de Santa Cruz e a partir de 1503, para Brasil.



Monte Pascoal – imagem próxima à visão que a frota do descobrimento teve.
Fonte: <http://www.variglog.com/ingles/mundovarig/jan_foto05.htm>

Diante de uma terra com beleza extraordinária e com habitantes inusitados vê-se a importância de relatar ao rei de Portugal, D. Manuel I, a descoberta da terra nova. Então, Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota de Cabral dá início ao relato da descoberta, que mais tarde se tornaria o principal documento da história colonial do Brasil, sendo, por muitos, considerado a “certidão de nascimento” do Brasil.

A Carta, datada de sexta-feira primeiro de maio de 1500, descreve minuciosamente a terra, a vegetação, suas águas, seus ares e o primeiro encontro do homem europeu com os habitantes da terra nova. Este registro histórico permaneceu inédito durante três séculos, mais de trezentos anos após haver sido redigida, porque não lhe foi atribuída grande importância pelos historiadores da época. Só foi publicada em 1817, como parte do livro: *Corografia Brasileira* da

autoria do Padre Manuel Aires do Casal. Isto significa que, até essa época, a história contada sobre a viagem de 1500 foi substancialmente diversa da narrada depois. A Carta de Caminha contém informações e pormenores sobre a viagem até o Brasil e a estada nesse país, inexistentes nas outras fontes conhecidas. Encontra-se hoje no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa (gaveta 8, maço 2, nº 8).

1.1 - O AUTOR E SUA ÉPOCA

Pero Vaz de Caminha, cidadão da cidade do Porto, nasceu por volta de 1437, filho de Vasco Fernandes de Caminha, cavaleiro da casa do Duque de Guimarães, recebeu, provavelmente, educação humanística. Destaca-se pela forma de apresentação de seus relatórios. Foi cavaleiro real e manteve contato com parcela significativa da nobreza portuguesa, com administradores, altos funcionários e membros da Igreja da época. Casou-se com Catarina Vaz de Caminha, de quem teve uma filha batizada com o nome de Isabel. Em 1476, no Porto, é nomeado Mestre da Balança da Casa da Moeda da cidade do Porto em substituição a seu pai. Por volta de 1497 torna-se encarregado pela Câmara do Porto de redigir os decretos reais a serem apresentados às Cortes que iriam se reunir no ano seguinte em Lisboa, antes de 1500, provavelmente realiza viagem à Guiné, hipótese sugerida em razão das comparações que faz na carta entre os indígenas encontrados no Brasil e os negros da costa ocidental da África. Em 1500 é nomeado escrivão oficial da feitoria de Calecute na Índia, criada anteriormente por Vasco da Gama, e cujo domínio deveria ser completado e ampliado pela frota comandada por Cabral, é encarregado do relato da viagem pelo rei de Portugal D. Manuel I. Com o descobrimento do Brasil envia ao rei a carta em que descreve a viagem e a chegada

à Ilha de Vera Cruz. Em 15 de dezembro de 1500, como escrivão da feitoria de Calecute, morre lutando contra os mouros.

1.2 - Características da Carta

Segundo Silvio Castro (2000) esta crônica do nascimento do Brasil foi redigida em forma de diário ou de reportagem sobre os fatos observados. A Carta de Caminha foi registrada de forma direta com as impressões do observador a respeito de suas vivências. São preciosas as abundantes informações que ocupam grande parte da carta, a respeito dos Tupiniquins, povo sem escrita dizimado poucas décadas depois, em meio de doenças contraídas dos europeus, contra as quais não possuíam resistência, e da violência dos contatos. Esse documento é apontado, por todos os pesquisadores, que já se debruçaram sobre ela, como o mais vivo e colorido retrato da terra descoberta.

A Carta compõe-se objetivamente de sete folhas de papel florete, cada uma de quatro páginas, por um total de vinte e sete de texto e uma de endereço, com medida de cerca 296 por 299 mm, típica da época. Foi escrita com pena de pato, usual entre os séculos XV e XVI.

Segundo Carolina Michaelis de Vasconcelos (1929) a letra é muito rasgada nas páginas finais do que no princípio, a Carta foi traçada em dias consecutivos, dias ou noites, de 24 ou 26 de abril em diante, a modo de diário.

De acordo com Silvio Castro (2000) a ortografia de Caminha reproduz a escrita fonética típica dos textos portugueses até o século XV; é particularmente notável pela racional coerência das transcrições. A periodização do manuscrito é bastante ordenada, sem a costumeira indisciplina de margens dos textos manuscritos da época. Caminha usa a pontuação de modo expressivo, coisa que faz com que a leitura do manuscrito da Carta seja suficientemente simples.

A escrita da Carta é classificada como *cursiva processada*, modelo usual da época. Esse modelo deriva da *cursiva gótica*, que tem três tipos, esboçados em três momentos diferentes: o estilo *albalaaes*, o estilo *cortesã* e o estilo *processal*. A letra processada não é mais do que uma variação do estilo cortesã. Como os escrivães cobravam seus trabalhos, como hoje, por páginas, procuravam fazer a letra cada vez maior e mais enfeitada, com isso, a escrita tornou-se quase ilegível. A estrutura compositiva é extremamente clara. A Carta começa com o típico processo epistolar; depois dos primeiros parágrafos, tal convenção se transforma num diário atípico.

CAPÍTULO 2

PALAVRAS GRAMATICAIS E PALAVRAS LEXICAIS: O QUE DIZ A GRAMÁTICA.

Segundo Volnyr Santos (2000) o léxico de uma língua - expressão aqui também entendida como vocabulário - é o inventário completo dos vocábulos que constam de um dicionário. A língua portuguesa, conforme o seu *Vocabulário Ortográfico*, editado pela Academia Brasileira de Letras (ABL), de 1988 (reimpressão de 1999 da segunda ed.), registra, nas palavras de Arnaldo Niskier, 350.000 verbetes, informando que esse número deverá crescer brevemente em face da possibilidade de entrada em vigor do Acordo Ortográfico.

Já o *Novo Aurélio – O Dicionário da Língua Portuguesa – Século XXI* vai além, alardeando a abonação de 435.000 verbetes, indicando, com isso, o caráter de modernidade lingüística que sempre caracterizou essa publicação. Significa dizer que o *Novo Aurélio* tem mais palavras que o *Vocabulário Ortográfico*, o documento legal.

De acordo com Volnyr Santos (2000) sobre o número de verbetes – o que daria à língua portuguesa um acervo lexical considerável – é preciso referir que, nesse número, o *Aurélio* considera as variações como verbetes, que na realidade, funcionam apenas como apelo mercadológico, conforme já acentuou Cláudio Weber Abramo no Caderno Mais (*Folha de S. Paulo*, edição de 23 de janeiro de 2000).

Conforme Volnyr Santos (2000) a respeito do léxico, acrescenta-se que ele depende sempre da realidade exterior, não-lingüística. O léxico compreende dois

tipos de palavras: as chamadas *palavras lexicais*, que constituem o *sistema aberto* de comunicação em face de sua mobilidade (surgimento, desaparecimento, transformações de sentido). São caracterizadas pelos *nomes* (substantivos, adjetivos, advérbios) e pelos *verbos*. Já as *palavras gramaticais* são as que exprimem as relações entre as idéias, a contextura da língua, o sistema, a gramática, representadas pelas desinências verbais (tema, vogal temática), artigos, pronomes, conjunções, preposições. Constituem o *sistema fechado* da comunicação. Embora sejam as *palavras lexicais* aquelas que modificam o vocabulário, são, no entanto as *palavras gramaticais* as que caracterizam a língua.

As *palavras gramaticais* são em número reduzido e limitado (em torno de 100 palavras), enquanto que as *palavras lexicais*, em estado de permanente renovação, incorporam-se e integram-se à língua, através de adaptações gráficas, morfológicas ou semânticas.

Ainda que de número reduzidíssimo praticamente imutável, as *palavras gramaticais* são responsáveis pela estrutura da língua. É no sistema fechado que se dá a língua. A gramaticalidade da língua se dá nas palavras gramaticais.

Argumenta Gladstone de Melo que o vocabulário, termo entendido como sendo as palavras lexicais, constitui num idioma o que se chama *nomenclatura*, ao passo que o que traça a fisionomia da língua, isto é, as palavras gramaticais, é a *estrutura*.

Existem dois tipos básicos de palavras: aquelas que se referem a objetos e a eventos do mundo real (ou de nossa imaginação) e outras que só existem para o funcionamento da língua. Dessa divisão surgem as palavras lexicais e as gramaticais.

Lexicais	Gramaticais
pé	o
três	eu
levo	que
bosque	com
conquistou	assim
encouraçado	contigo

Como vemos, as palavras lexicais se referem a objetos ou processos existentes no mundo cotidiano e, portanto, são os nomes e os verbos. Por outro lado, as palavras gramaticais abrangem os pronomes/artigos (que se limitam a localizar o ser no discurso, sem lhe acusar características) e os conectivos (elementos de ligação das outras palavras, ou de articulação do discurso), subdivididos em conjunções e preposições.

As gramáticas apresentam 10 classes de palavras: Substantivo, Artigo, Adjetivo, Pronome, Numeral, Verbo, Advérbio, Preposição, Conjunção e Interjeição. Entretanto, a classificação que melhor discerne os critérios está representada no quadro a seguir:

	Critério semântico	Critério funcional
Palavras lexicais (inventário aberto)	Nome (inclusive Numeral)	substantivo
		adjetivo
		advérbio
	Verbo	
Palavras gramaticais (inventário fechado)	Pronome (inclusive Artigo) "nome gramatical"	substantivo
		adjetivo
		advérbio
	Conectivo	coordenativo
		subordinativo

O léxico é formado pelo conjunto de vocábulos da língua, mas pode-se usar o termo fazendo referência ao conjunto de vocábulos de um texto.

Por apresentarem características distintas, as palavras da língua podem ser separadas em dois grupos: as de natureza gramatical (preposições, conjunções, artigos); as de natureza lexical (substantivos, adjetivos, verbos...). As palavras gramaticais formam um grupo fechado, ao qual dificilmente se acrescentam palavras “novas” (talvez apenas por derivação imprópria), ao contrário das lexicais, que são alvo de criação.

O estudo do léxico, em geral, não é feito de modo sistemático, sua aprendizagem é feita constantemente, com o próprio uso da língua, durante diálogos, na leitura de textos etc.

2.1 – A GRAMÁTICA NATURAL DE CADA FALANTE

Segundo Celso Pedro Luft (2002) ao sistema de regras internalizado pelos falantes vem sendo chamado de *gramática natural*, as regras estabelecem também a devida relação entre significado (o conteúdo da mensagem) e significante (pronúncia das frases). É por saberem as regras semânticas que os falantes escolhem palavras adequadas para expressar-se. Não diriam, por exemplo, *a maçã comeu o menino, o pato cantou ópera, a frase foi à praia*. E, por dominarem as regras fonológico-fonéticas, sabem pronunciar frases e palavras como deve ser.

Esse sistema de regras que os falantes internalizam na infância é que constitui a verdadeira gramática da língua, a legítima, a autêntica, da qual todas as demais (livros, teorias de gramáticas, filólogos e lingüistas, etc.) não passam de reproduções. E não há como não acrescentar: por maiores e melhores que sejam, tais reproduções são inevitavelmente incompletas e defeituosas.

A gramática (saber lingüístico internalizado) dos falantes é sempre completa: sistema de todas as regras necessárias para se poder falar. Mesmo a criança de cinco ou seis anos que já fala com desembaraço, e o mais humilde dos analfabetos, necessariamente dominam a gramática completa que preside seus atos de fala. Do contrário, não haveria como falar. Para a mais simples elocução, para juntar sílabas que seja, é indispensável dominar uma gramática (conjunto de regras) interior.

Naturalmente, há variantes de gramática, conforme a origem, a idade, o grau de cultura ou nível sociocultural do falante; mas todas elas, mesmo as de nível mais

baixo, são completas em si, dispõem de todos os elementos necessários para fazer frases e comunicar-se.

Qualquer falante aplica, inclusive, muitíssimas regras que não estão nas gramáticas (livros), e outras que nem professores ou especialistas são capazes de explicitar.

O sistema de regras, ou gramática, é uma teoria da língua. Chomsky (1970: 35-6) insiste no fato de que, no processo de aquisição da língua, antes e fora da escola, a criança vai construindo, para si mesma, sem a verbalizar e sem se dar conta disso, uma “teoria” da língua a que se vê exposta.

De acordo Chomsky (1970:35-6) em termos formais pode-se descrever a aquisição da língua pela criança como uma variedade de construção de teoria.

A criança descobre a teoria da sua língua com uma pequena quantidade de dados dessa língua, o que a criança aprende é a teoria subjacente ideal. É este um fato notável. Deve-se ter em mente também que a criança constrói essa teoria ideal sem instrução explícita, que adquire esse conhecimento numa fase em que não é capaz de grandes desempenhos intelectuais em muitas outras áreas, e que essa realização é relativamente independente da inteligência.

Conforme Luft (2002), em que consiste essa construção de uma teoria lingüística por parte da criança? É um lançamento e verificação de hipóteses: à vista (audição) dos dados lingüísticos ou frases a que se acha exposta, a criança levanta

hipótese sobre as regras que geram tais dados. Novos fatos (de fala) lhe mostrarão se a hipótese levantada é correta ou incorreta: se correta, ela é aprovada, e a criança “sabe” e arquiva a regra; se incorreta, fica a hipótese reprovada e será preciso levantar nova(s) hipótese(s), até que se explique e confirme a regra. Assim, para todas as regras daquela gramática a cujo funcionamento a criança está exposta.

Pode-se depreender, na evolução da linguagem infantil, o caminho e efeito parcial ou provisório dessas hipóteses. Há estágios verdadeiramente clássicos. A chamada regularização, por exemplo, mostra a criança aplicando rigorosamente, também a formas sujeitas a casos especiais, as regras gerais que já internalizou. Assim, *fazi* ou *trazi*, pela aplicação das regras que geram as formas regulares como *bati*, *comi*, etc.; *abrido*, *cobrido*, *fazido*, *escrevido*, pelos modelos regulares *dormido*, *comido*, *batido*, etc.; *eu pego tu*; *não empurra eu*;

mais grande, *mas bom*, como *mais alto*, *mais fraco*; etc. Idiossincrasias da morfologia e da sintaxe precisam ocorrer e repetir-se nos dados (falas, frases) para que a criança-teorista levante novas hipóteses até depreender e fixar também as regras especiais.

Parece assombroso que qualquer criança, em condições físicas, mentais e sociais normais, seja capaz de elaborar assim e montar (estruturar) na cabeça a teoria ou gramática de sua língua. “Assombroso” é pouco, se pensar que essa teoria supera em muito as dos cientistas da linguagem, nenhum dos quais foi até hoje capaz de reproduzir integralmente qualquer dessas teorias.

Essa teoria, naturalmente, não é “teoria” no sentido habitual do termo. Trata-se de um saber imediato, sem intermediação da razão; inexpresso, sem nomenclatura. Um saber sintético, não analítico; implícito, não explícito. Enfim, um saber intuitivo, não discursivo.

Construída a teoria, a criança “sabe” o que é frase, oração, coordenação, subordinação – pois constrói frases, simples, compostas e complexas. “Sabe” o que é sujeito, verbo e concordância, visto que usa formas verbais flexionadas segundo as categorias de pessoas e número.

A criança e o falante não escolarizado sabem tudo aquilo que precisam para falar em seu nível de comunicação. Apenas, não conhecem os termos técnicos, da classificação gramatical.

Talvez se possa comparar esse “saber a língua” ao tocar piano “de ouvido”: o pianista de ouvido domina uma gramática intuitiva da música, a teoria do seu instrumento, mesmo não sabendo o que seja clave, semitom, acorde, bemol, sustenido, etc.

Quando se fala em “gênio da língua”, “sentimento lingüístico”, faz-se referência à teoria da língua internalizada. O gênio da língua é determinado pelas regras que a disciplinam, pela sua gramática. O sentimento lingüístico dos falantes é um orientar-se pela gramática da língua. Uma frase tão freqüente como “Não sei por

quê, só sei que é assim que se fala” significa: Não sei explicar a regra, mas ela integra minha gramática implícita.

A gramática natural da língua é uma gramática da fala. Um sistema de regras para a comunicação oral. A gramática natural é flexível e variável. Toda língua, sistema de usos e costumes verbais, espelha os demais usos e costumes humanos. Não há língua viva estática; estáticas, imutáveis, petrificadas, são as línguas mortas, que estuda-se para conhecer o passado, sua arte ou história, etc.

Idéias precisas e atualizadas sobre linguagem, língua e gramática, fala e escrita, variedades idiomáticas sociais e culturais, registro de linguagem, constituem os fundamentos imprescindíveis a todos os professores de língua e em especial ao professor de língua materna.

Sobretudo, é da maior importância, pela repercussão no ensino, tomar conhecimento do que é a internalização das regras da língua materna nos primeiros anos de vida, aquilo que vai constituir o “saber lingüístico do falante nativo”, sua gramática interior, implícita, intuitiva. Da mais alta importância é saber que desde bem cedo a criança é, surpreendentemente, um adulto lingüístico. Ela domina, com pequenas exceções, se alguma, o sistema fonológico da sua língua; maneja sem esforço o essencial da gramática; conhece e emprega o vocabulário básico da língua.

Chomsky e Miller (1970:85) consideram a criança de três anos provida de um mecanismo capaz de fazer a análise sintática da fala. Obviamente, ninguém dá às

crianças as regras que devem aplicar. Apenas elas são expostas a um grande número de exemplos de como funciona a sintaxe, e partindo desses exemplos elas automaticamente adquirem princípios pelos quais novas frases podem ser formadas, frases que estarão conformes às universalmente reconhecidas regras do jogo (da fala).

De acordo com Luft (2002) o ser humano nasce provido de uma gramática genérica, “gramática universal, de universais lingüísticos”. É a tese do inatismo, muitas vezes mal interpretada. Evidentemente ninguém nasce com a gramática de uma língua determinada. Nasce, isto sim, com uma estrutura lingüística genérica, base para a apreensão das estruturas específicas de qualquer língua natural.

Conforme Dubois (1973:262-3) a linguagem repousa sobre uma estrutura inata, ativada pelo meio (social) num processo que é o da aquisição da linguagem. A linguagem aparece, com efeito, como aptidão própria da espécie humana; essa aptidão repousa em bases biológicas, particularmente a localização da linguagem na parte posterior do hemisfério esquerdo do cérebro.

De acordo com Chomsky (1981:175) pode-se encarar a gramática universal como o próprio programa genético, o esquema que permite a gama de realizações possíveis que são as línguas humanas possíveis. A gramática universal é um sistema geneticamente determinado no estado inicial, e especificado, afinado, estruturado e refinado sob as condições estabelecidas pela experiência, formando as gramáticas específicas que são representadas nos estados estacionários

atingidos. Se encarar desse modo a questão do crescimento da linguagem, pode-se entender como é possível uma pessoa saber muito mais do que ela experimentou.

De fato, muito cedo qualquer criança surpreende os adultos sabendo e falando muito mais e além das frases que ela ouviu. Não repete simplesmente o que lhe dizem: com as regras que depreendeu das frases ouvidas, forma inúmeras outras, inclusive nunca ouvidas. Quer dizer, desde as primeiras etapas a criança “cria” as suas frases. Essa criatividade é justamente o traço característico da gramática que a criança internaliza. A “graça” da linguagem infantil não está nos *erros* que comete, mas nas suas engenhosas tentativas (com muitas criações individuais) de utilizar o código fornecido pelos adultos.

Isso constitui uma das maiores provas desse esquema lingüístico inato ou “gramático universal”. Mais ainda: temos, aí, “aprendizado da língua” como “crescimento da linguagem”, e não como depósito, em “tabula rasa”, de elementos exteriores, impingidos à força de regras, e sedimentados por servil memorização.

Essa gramática universal inata espécie de “órgão mental”, entre outros órgãos mentais, interagentes, que constitui a “faculdade lingüística” ou faculdade da linguagem – corresponde a um esquema lingüístico genérico, em aberto, que capacita a criança a estruturar no cérebro o esquema lingüístico específico, ou seja, a língua a cujos dados é exposta.

Essa “programação” lingüística inata é que viabiliza a “aquisição da linguagem”, o “aprendizado de uma língua”, processo a respeito do qual deve-se

evitar conceitos ingênuos, ou mal-entendidos, como as hipóteses de estímulo-resposta dos behavioristas, de indução e imitação, desmentidas pelas frases e formas novas, nunca ouvidas, que qualquer criança cedo produz, com

uma surpreendente criatividade, realmente manejando regras que “sabe”, para produzir frases que não lhe ensinaram. É justamente o esquema inato que possibilita isso.

A criança irá tentando, experimentando, criando, liberando capacidades, ajustando-se aos poucos a um esquema geral comum, que já impera no mundo adulto. Tudo isso prova que ela maneja signos (palavras, expressões) e regras do uso e combinação desses signos. Enfim, maneja sua língua – léxico e gramática.

O desenvolvimento da linguagem, fruto de um programa inato, preestabelecido é um processo natural, acompanhando o amadurecimento gradual da criança.

A natureza provê que a internalização do sistema gramatical seja efetuada por etapas. Por isso o mecanismo seletivo: é forçoso (saber) selecionar, não só material bem-formado mas também, em cada etapa maturacional, as porções acessíveis. Assim, por exemplo, primeiro as palavras de conteúdo (“formais”: substantivos, adjetivos, verbos), só depois as palavras gramaticais (“estruturais”: pronomes, preposições, etc.).

Algumas formas que a criança emprega mostram bem que ela obedece a uma gramática interior, segundo a qual vai elaborando o que lhe fornecemos no convívio diário de linguagem. Assim, uma criança aos dois anos, leva tempo até “acertar” em sua mente a palavra *travesseiro*. Segue um processo curioso no qual vai desmontando e reconstruindo a palavra até acertar: *sevelo, tassevelo, tavesselo, travesseiro*.

Com as palavras lexicais e gramaticais não é diferente, as crianças em idade escolar, ao escreverem, fazem uma associação lógica, dessa forma utilizam regras de palavras de escritas já conhecidas como, por exemplo: contigo, abaixo. E por dedução utilizam as formas: *convocê, apartir, deacordo*, etc. Sendo assim, percebe-se que o processo de formação e evolução da língua portuguesa, respeitou exatamente ao desenvolvimento já observado nas crianças. Tal fato pode ser confirmado mediante simples observação em textos históricos, como o sob análise.

Sabe-se que a escrita não é uma mera transposição do oral. São muitas as diferenças entre o oral e o escrito. Por exemplo, enquanto no enunciado oral a informação é, fundamentalmente, de natureza acústica e é contínua e não linear, no enunciado escrito a informação é de natureza visual, descontínua e linear. Esta diferença entre os dois registros tem conseqüências muito visíveis nos escritos dos nossos sujeitos. O contínuo sonoro pode ser segmentado de várias formas de acordo com o conhecimento que os falantes têm da língua. A noção de palavra é bastante complexa e é influenciada pelas suas diferentes componentes: fonológica, morfológica, sintática e semântica. A escrita supõe

um conhecimento das palavras e dos seus constituintes, isto é, uma consciência metalingüística bastante desenvolvida.

Decorrentes da noção de palavra fônica e escrita verificam-se muitos problemas de segmentação, não só em alunos em fase de alfabetização, como também em adolescentes e muitos adultos com deficiência de letramento. No quadro abaixo há exemplos colhidos em alunos do ensino fundamental – 3ª, 4ª e 5ª séries – da Escola Classe 204 sul.

Segmentação de palavras - alunos da 3ª, 4ª e 5ª séries -	Segmentação de palavras - Carta de Pero Vaz de Caminha -
amonica [a Mônica] lafora [lá fora] envezde [em vez de] opedo [o pé do (menino)] amontanha [a montanha] temque [tem que] porisso [por isso] asvezes [às vezes] divez [de vez (em quando)] eusto [eu estou] comele [com ele] sechama [se chama] medeu [me deu] construiu [construí-la] éproveitosa [é proveitosa] mudouse [mudou-se]	queo, avossa, anoua, caaquilo, apartida, demarço, dasilhas, aaseg ^{da} , datayde, aaquarta todolos ocapitam deulhes ancoraramse estoutros peracjma

A ortografia seiscentista, semelhantes à adotada por crianças, nos dias de hoje, deve-se ao fato de se tratar de uma língua, cuja consolidação iniciou-se por volta de 1095, quando vários nobres de diversas regiões se uniram para expulsar os mouros que dominavam a região, onde hoje é Portugal. Na época, a língua falada era a mesma empregada em toda a Galiza, o galego-portugues. Segundo Haury

(1989), em *História da Língua Portuguesa*, “a língua portuguesa, já com feição própria, distinta dos outros falares da região e com características que a distinguiam do galego, se consolidou a partir do século XIV.”

Historicamente, fica evidente, que a língua portuguesa, na época em que foi escrita a Carta de Pero Vaz de Caminha, ainda não estava estruturada teoricamente, uma vez que a primeira gramática da língua portuguesa – *Grammatica da lingoagem portuguesa* – de Fernão de Oliveira teve sua primeira edição em 1535, o que permitiu o uso de uma língua escrita, com a mesma segmentação de fala, isto é, as palavras átonas apóiam-se nas palavras tônicas. Vemos erros do tipo: *apartir*, em adultos com boa escolaridade. A ortografia de Caminha reproduz a oralidade, mantendo a mesma naturalidade das crianças em período de alfabetização.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DAS PALAVRAS GRAMATICAIS NA CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA.

ANÁLISE	LINHA
posto queo capitam // que o → conjunção + artigo	01
screpuam avossa alteza // a vossa → preposição + pronome de tratamento	02
anoua do achamento // a nova → artigo + substantivo comum	02
comta avossa alteza // a vossa → preposição + pronome de tratamento	05
ajnda que perao bem contar // para o → preposição + artigo definido	06
boa vomtade aqual bem certo // a qual → pronome relativo	08
poer mais caaquilo que vy // que aquilo → conjunção + pronome demonstrativo	10
por queo nom saberey // que o → conjunção + pronome pessoal oblíquo	12
que apartida de belém // a partida → artigo + substantivo comum	15
demarço // de março → preposição + substantivo comum	16
aas // às → preposição + artigo + substantivo comum	20
dasjilhas // das ilhas → preposição + substantivo comum	21
aaseg^{da} feira // à segunda-feira → preposição + artigo + substantivo comum	23
e anoute segujnte // a noite → preposição + substantivo comum	23
frota vaasco datayde // de Ataíde → preposição + substantivo	24
ocapitam // o capitão → artigo + substantivo comum	26

ANÁLISE	LINHA
perao // para o → preposição + artigo definido	26
esay segujmos // e assim → conjunção coordenativa aditiva + advérbio	28
delomgo // de longo → preposição + advérbio	28
aaquarta feira // à quarta -feira → preposição+ artigo +substantivo comum	35
aoras de bespera // a horas → preposição + substantivo comum	37
dhuu // de um → preposição + artigo indefinido	38
ocapitam // o capitão → artigo + substantivo comum	41
omonte // o monte → artigo + substantivo comum	41
aatera // à terra → preposição+ artigo + substantivo comum	42
davera cruz // de Vera Cruz → preposição + substantivo próprio	42
todaaquela noute // toda aquela → pronome indefinido+ pronome demonstrativo	45
aaquinta feira// à quinta -feira → preposição+ artigo+ substantivo comum	46
aatera // à terra → preposição + artigo + substantivo comum	47
eos // e os → conjunção coordenativa aditiva + artigo definido	47
daboca // da boca → preposição + substantivo comum	50
dhuu // de um → preposição + artigo indefinido	50
chegariamos aesta amcorajem // a esta → preposição+ pronome demonstrativo	51
aas // às → preposição + artigo + substantivo comum	51
dhomeens // de homens → preposição + substantivo comum	52

ANÁLISE	LINHA
esquifes fora evieram logo // e vieram → conjunção coordenativa aditiva + verbo	55
todos capitaães // todos os → pronome indefinido + artigo definido	56
aesta naao do capitam // a esta → preposição+ pronome demonstrativo	56
o capitam // o capitão → artigo + substantivo comum	57
peraveer aquelle // para ver → preposição + verbo	58
perala // para lá → preposição + advérbio de lugar	59
dhir // de ir → preposição + verbo	59
o batel // o batel → artigo + substantivo comum	61
a boca // à boca → preposição + artigo + substantivo comum	61
esuas seetas // e suas → conjunção coordenativa + pronome possessivo	64
perao // para o → preposição + artigo definido	65
deulhes // deu-lhes → verbo + pronome pessoal oblíquo	69
daves // de aves → preposição + substantivo comum	72
epardas // e pardas → conjunção coordenativa aditiva+ substantivo comum	73
coma de papagayo // como a → conjunção subordinada comparativa + artigo definido	73
creo queo capitam // que o → conjunção subordinativa integrante + artigo definido	76
manda avossa alteza // a vossa → preposição + pronome de tratamento	77

ANÁLISE	LINHA
aas // às → preposição + artigo definido	77
anoute segujmte // à noite → preposição + artigo + substantivo comum	80
acapitana // a capitania → artigo + substantivo comum	81/82
ea // e à → preposição + artigo definido	82
o capitam // o capitão → artigo + substantivo comum	83/84
delomgo // de longo → preposição + advérbio	84/85
da costa // da costa → preposição + substantivo comum	85
amarados perpoba // pela popa → preposição + substantivo comum	86
o norte // o norte → artigo + substantivo comum	86
para ver // para ver → preposição + verbo	86
o rio // o rio → artigo + substantivo comum	90
e poucos // e poucos → conjunção coordenada aditiva+ pronome indefinido	92
o capitam // o capitão → artigo + substantivo comum	92
chegados a terra // à terra → preposição + artigo + substantivo comum	93
para as naaos // para as → preposição + artigo definido	94
e sendo // e sendo → conjunção+ verbo no gerúndio	95
meteramse dentro // meteram-se → verbo + pronome pessoal oblíquo reflexivo	99
sobre eles // sobre eles → preposição + pronome pessoal	100
ancoraramse // ancoraram-se → verbo + pronome pessoal oblíquo reflexivo	102
e sendo // e sendo → conjunção + verbo no gerúndio	102
meteose // meteu-se → verbo + pronome pessoal oblíquo reflexivo	105

ANÁLISE	LINHA
asomdar // a sondar → preposição + verbo	105
oportu // o portu → artigo + substantivo comum	106
trouueos // trouxe-os → verbo trazer + pronome pessoal oblíquo	110
dauermelhados // de avermelhados → preposição + adjetivo	113
orrostro // o rostro → artigo + substantivo comum	118
dhuua // de uma → preposição + artigo indefinido	120
dhuu // de um → preposição + artigo indefinido	121
obeiço // o beição → artigo + substantivo comum	123
eos // e os → conjunção coordenativa aditiva + artigo definido	123
coma // como a → conjunção subordinada comparativa + artigo definido	124
deboa // de boa → preposição + adjetivo	128
dave // de ave → preposição + substantivo comum	131
eas // e as → conjunção coordenativa aditiva + artigo definido	133
aqual // a qual → pronome relativo	134
coma // como a → conjunção subordinada comparativa + artigo definido	135
demaneira // de maneira → preposição + substantivo	136
peraa // para a → preposição + artigo definido	138
ocapitam // o capitão → artigo + substantivo comum	138
douro // de ouro → preposição + substantivo comum	141
enjcolaa // e Nicolau → conjunção+ substantivo próprio	142
anjmguem // a ninguém → preposição+ pronome indefinido	147
aterra // a terra → artigo + substantivo comum	149

ANÁLISE	LINHA
perao // para o → preposição + artigo definido	149
peraa // para a → preposição + artigo definido	151
perao // para o → preposição + artigo definido	151
ocapitam // o capitão → artigo + substantivo comum	153
peraa // para a → preposição + artigo definido	154
mostraranhês // mostraram-lhes → verbo + pronome pessoal oblíquo	155
mostraranhês // mostraram-lhes → verbo + pronome pessoal oblíquo	156
edespois // e depois → conjunção + advérbio	158
coma // como a → conjunção subordinada comparativa + artigo definido	158
deranhês // deram-lhes → verbo + pronome pessoal oblíquo	158
trouueranhês // trouxeram-lhes → verbo + pronome pessoal oblíquo	162
aboca // a boca → artigo + substantivo comum	163
oquiseram // o quiseram → pronome pessoal oblíquo + verbo	164
trouueramlhês // trouxeram-lhes → verbo + pronome pessoal oblíquo	164
peraa // para a → preposição + artigo definido	170
peraa // para as → preposição + artigo definido	170
eperao // e para o → conjunção + preposição + artigo	171
ocolar // o colar → artigo + substantivo comum	174
edespois // e depois → conjunção + advérbio	175
decostas // de costas → preposição + substantivo comum	177

ANÁLISE	LINHA
naalcatifa // na alcatifa → preposição + substantivo	177
ocapitã // o capitão → artigo + substantivo comum	180
aas // às → preposição + artigo definido	180
lançarãlhes // lançaram-lhes → verbo + pronome pessoal oblíquo	182
ocapitã // o capitão → artigo + substantivo comum	184
aqual // a qual → preposição + pronome relativo	185
entraram totalas naaos // todas as → pronome indefinido + artigo definido	186
aesta // a esta → preposição + pronome demonstrativo	192
ocapitã // o capitão → artigo + substantivo comum	193
ebertolomeu // e Bartolomeu → preposição + substantivo próprio	193
eos // e os → conjunção + artigo definido	194
aa // à → preposição + artigo definido	203
acenaramlhes // acenaram-lhes → verbo + pronome pessoal oblíquo	206
eentam // e então → conjunção coordenada aditiva + advérbio	221
dechegar // de chegar → preposição + verbo	221
tomauamolos // tomavamo-los → verbo + pronome pessoal oblíquo	227
epediam // e pediam → conjunção + verbo	227
aoutros // a outros → preposição + pronome	230
amaior // a maior → artigo + adjetivo	236
eos // e os → conjunção + artigo definido	242
ameetade da timtura // a metade → preposição + substantivo comum	243
dasua // da sua → preposição + pronome possessivo	243
ameetade // a metade → preposição + substantivo comum	244

ANÁLISE	LINHA
antreles // entre eles → preposição + pronome pessoal	246
açenamoslhe // acenamos-lhe → verbo + pronome pessoal oblíquo	254
aas // às → preposição + artigo definido	257
odegradado // o degradado → artigo + substantivo comum	259
nom quiseram que ficasse la co eles oqual leuaua // o qual → pronome relativo	260
omandaram // o mandaram → pronome pessoal oblíquo +verbo	263
ofez // o fez →pronome pessoal oblíquo +verbo	264
queo // que o → conjunção + pronome demonstrativo	266
queo // que o → conjunção + pronome pessoal oblíquo	267
depenas // de penas → preposição + substantivo comum	269
coma // como a → conjunção subordinada comparativa + artigo definido	270
depenas // de penas → preposição + substantivo comum	271
eoutros // e outros → conjunção + pronome indefinido	271
eoutros // e outros → conjunção+ pronome indefinido	271
daquela tintura aqual certo // a qual → pronome relativo	273
amujtas molheres // a muitas →preposição + pronome indefinido	275
vendolhe // vendo-lhe →verbo + pronome pessoal oblíquo	276
asua // a sua → preposição + pronome possessivo	277
comeela // como ela → conjunção + pronome pessoal	277
coma // como a → conjunção subordinada comparativa + artigo definido	278
aatarde // à tarde → preposição +artigo + substantivo	280

ANÁLISE	LINHA
ocapitã // o capitão → artigo + substantivo comum	280
dapraya // da praia → preposição + substantivo comum	282
detodas partes // de todas → preposição + pronome indefinido	287
aele // a ele → artigo+ pronome definido	288
voluemonos // volvemo-nos →verbo + pronome pessoal oblíquo	292
aas // às → preposição + artigo definido	292
ocapitam // o capitão → artigo + substantivo comum	294
mandou atodolos capitaães // a todos os → preposição + pronome indefinido + pronome oblíquo	295
aleuantar // a levantar →preposição + verbo	298
aqual // a qual → pronome relativo	300
aqual // a qual → pronome relativo	302
ocapitam // o capitão → artigo + substantivo comum	304
abandeira // a bandeira → artigo + substantivo comum	305
debelem // de Belem → preposição + substantivo próprio	305
aaparte // à parte → preposição + artigo + substantivo	306
amisa // a missa → artigo + substantivo comum	307
desuestiosse // desvestiu-se →verbo +pronome pessoal oblíquo reflexivo	307
aqual // a qual → pronome relativo	313
aamisa // à missa →preposição + artigo + substantivo	315
aapregacom // à pregação → preposição + artigo + substantivo comum	315
dacabada // de acabada → preposição + verbo no particípio	319

ANÁLISE	LINHA
aapregaçom // à pregação → preposição + artigo + substantivo	320
datrra // da terra → preposição + substantivo comum	327
ocapitã // o capitão → artigo + substantivo comum	329
peraos // para os → preposição + artigo definido	329
per ondeles estauam // onde eles → advérbio + pronome pessoal	331
dhuua // de uma → preposição + artigo indefinido	333
depedra // de pedra → preposição + substantivo comum	335
debertolameu // de Bartolomeu → preposição + substantivo próprio	336
chegarãse // chegaram-se → verbo + pronome pessoal oblíquo reflexivo	336
metendose // metendo-se → verbo + pronome pessoal oblíquo reflexivo	337
acenaranlhes // acenaram-lhes → verbo + pronome pessoal oblíquo	338
eos // e os → conjunção coordenada aditiva + artigo definido	347
abarriga // a barriga → artigo + substantivo comum	347
daagoa // da água → preposição + substantivo comum	350
antreles //entre eles → preposição + pronome pessoal	352
aas // às → preposição + artigo definido	356
acomer // a comer → preposição + verbo	357
tornaramse // tornaram-se → verbo + pronome pessoal oblíquo reflexivo	358
easy // e assim → preposição + advérbio	359
epreegã // e pregação → conjunção + substantivo comum	360
logo todoos capitaães // todo-os → pronome indefinido + artigo	369

ANÁLISE	LINHA
aesta naao // a esta → artigo +pronome demonstrativo	370
e perguntou asy atodos // a todos → preposição + pronome indefinido	372
anoua // a nova → artigo + substantivo comum	373
avossa // a vossa → preposição + pronome de tratamento	373
peraa // para a → preposição + artigo definido	374
denosa // de nossa → preposição + pronome possessivo	376
amayor // a maior →preposição + adjetivo	378
peraos // para os → preposição + artigo definido	382
avosa // a vossa → preposição + pronome de tratamento	382
aesto acordaram // a isto → preposição + pronome demonstrativo	384
doque // do que → preposição + pronome demonstrativo	390
aprenderiam afalar // a falar → preposição + verbo	393
perao // para o → preposição + artigo	393
estoutros // estes outros → pronome demonstrativo + pronome indefinido	394
peraos // para os → preposição + artigo	397
detodo // de todo → preposição + pronome indefinido	397
easy // e assim → conjunção+ advérbio	399
atodos // a todos → preposição + pronome indefinido	400
ocapitam // o capitão → artigo + substantivo comum	401
abandeira // a bandeira → artigo + substantivo comum	404
aaboca // à boca → preposição + artigo + substantivo comum	405
aalem // a alem → preposição +advérbio	410
oqual // o qual → pronome relativo	410

ANÁLISE	LINHA
antrelles // entre eles → preposição + pronome pessoal	413
acoisa // a coisa → artigo + substantivo	414
demaneira // de maneira → preposição + substantivo	415
afastauanse // afastavam-se → verbo + pronome pessoal oblíquo reflexivo	420
hianse // iam-se → verbo + pronome pessoal oblíquo reflexivo	421
peracjma // por cima → preposição + advérbio	421
ocapitam // o capitão → artigo + substantivo comum	422
caaquela // que aquela → conjunção + pronome demonstrativo	425
tanto queo capitã // que o → conjunção + artigo	425
aele // a ele → preposição + pronome pessoal	426
peraaquem // para quem → preposição + advérbio	429
peraaas // para as → preposição + artigo	433
tornouse // tornou-se → verbo + pronome pessoal oblíquo reflexivo	434
ocapitam // o capitão → artigo + substantivo comum	434
aabeira // à beira → preposição + artigo + substantivo	435
aaquem // a quem → preposição + advérbio	435
depreto // de preto → preposição + substantivo	436
evermelho // e vermelho → conjunção coordenada aditiva + substantivo comum	436
antrelles // entre eles → preposição + pronome pessoal	439
oquadril // o quadril → artigo + substantivo comum	442
anadega // a nádega → artigo + substantivo comum	442
dasua // da sua → preposição + pronome possessivo	443

ANÁLISE	LINHA
eoal // e o al → conjunção coord. aditiva + artigo definido + pronome	443
deque // de que → preposição + conjunção	450
eo // e o → preposição + artigo definido	452
ocapitam // o capitão → artigo + substantivo comum	453
peracjma // por cima → preposição + advérbio	453
ocapitã // o capitão → artigo + substantivo comum	457
douro // de ouro → preposição + substantivo	459
seo // se o → conjunção subordinada integrante + pronome oblíquo	460
obeiço // o beiço → artigo + substantivo comum	461
ocapitã // o capitão → artigo + substantivo comum	464
peraaboca // para a boca → preposição + artigo + substantivo comum	466
peralha // para-lha → preposição + pronome pessoal oblíquo	466
ocapitã // o capitão → artigo + substantivo comum	468
enfadouse // enfadou-se → verbo + pronome pessoal oblíquo reflexivo	468
deulhe // deu-lhe → verbo + pronome pessoal	469
ocapitam // o capitão → artigo + substantivo comum	471
avosa // a vossa → preposição + pronome de tratamento	472
veendo a rribeira aqual // a qual → preposição + conjunção	473
tornouse // tornou-se → verbo + pronome pessoal oblíquo reflexivo	477
ocapitã // o capitão → artigo + substantivo comum	477
perabaixo // para baixo → preposição + advérbio	477
peraaboca // para a boca → preposição + artigo + substantivo comum	477
pasouse // passou-se → verbo + pronome pessoal oblíquo	481

ANÁLISE	LINHA
edeprazer // e de prazer → conj. Coord. aditiva+ prep. + substantivo	483
meteose // meteu-se →verbo + pronome pessoal oblíquo	484
adançar // a dançar → preposição+ verbo	485
tomandoos // tomando-os →verbo + pronome pessoal oblíquo	485
dagaita // da gaita → preposição + substantivo	487
fezlhe // fez-lhe →verbo + pronome pessoal oblíquo	487
e salto rreal deque se eles espantauam// de que → preposição + pronome relativo	489
eentã // e então →conjunção coordenada aditiva + advérbio	493
ocapitã // o capitão → artigo + substantivo comum	493
orrio // o rio → artigo + substantivo comum	493
delongo // de longo → preposição + advérbio	494
apraya // a praia → artigo + substantivo comum	497
percjma // por cima → preposição + advérbio	498
orrio // o rio → artigo + substantivo comum	500
leuaualho // levava-lho → verbo + pronome pessoal oblíquo	503
lançouo // lançou-o →verbo + pronome pessoal oblíquo	503
dhua // de uma → preposição + artigo	506
peraaout^a // para a outra → preposição + artigo + pronome indefinido	506
coma // como a → conjunção subordinada comparativa + artigo definido	507

CONCLUSÃO

Após a análise da Carta de Pero Vaz de Caminha, constatou-se que a língua portuguesa, na época, ainda não estava estruturada teoricamente, uma vez que a primeira gramática da língua portuguesa – *Grammatica da lingoagem portuguesa* – de Fernão de Oliveira teve sua primeira edição somente em 1535.

Foi verificado ainda o uso de uma língua escrita, mantendo a mesma segmentação de fala, isto é, as palavras átonas apóiam-se nas palavras tônicas. A ortografia de Caminha reproduz a oralidade, mantendo a mesma naturalidade das crianças em período de alfabetização.

REFERÊNCIAS

ALI, Manuel Said. *Formação de palavras e syntaxe do Portuguez Histórico*. São Paulo-Cayeras-Rio: Melhoramentos, 1923.

AMADO, Janaína; Figueiredo, Luiz Carlos. *Carta de Pero Vaz de Caminha a El Rei D. Manuel*. Disponível em <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/historia/hist16.htm> - 22k > Acesso em: 05/09/2005.

CAMINHA, Pero Vaz. Carta ao rei D. Manuel I. Disponível em <http://www.bnd.bn.pt/ed/viagens/brasil/obras/carta_pvcamin.../contents/> Acesso em: 20/09/2005.

CASTRO, Silvio. *A Carta de Pero Vaz de Caminha – O descobrimento do Brasil*. Porto Alegre: L&PM, 2000.

CHOMSKY, Noam. *Regras e representações; a inteligência humana e seu produto*. Rio de Janeiro, Zahar. 1981.

CHOMSKY, et alii. *Novas perspectivas lingüísticas*. Petrópolis, Vozes. 1970.

CORTESÃO, Jaime. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. São Paulo: Livros de Portugal, 1943.

DUBOIS, Jean et alii. *Dictionnaire de linguistique*. Paris, Larousse. 1973.

GARCIA, José Manuel (org). *O descobrimento do Brasil nos textos de 1500 a 1571*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2000.

HAUY, Amini Boainain. *Origem e formação da língua portuguesa; In: História da língua portuguesa*. Vol. I séculos XII, XIII e XIV. São Paulo, Ática, 1989.

INSTITUTO DOS ARQUIVOS NACIONAIS DA TORRE DO TOMBO. *A carta de Pero Vaz de Caminha* – cópia xerográfica Nº 91, a partir do original, arquivado na Torre do Tombo gaveta 8 – maço 2, Nº 8. Lisboa: Torre do Tombo, 1998.

LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna*. São Paulo, Série Fundamentos, 2002.

SANTOS, Volnyr. *Empréstimos lingüísticos – tradição e atualidade*. Disponível em <<http://www2camara.gov.br/conheca/historia/cdnos500anos - 16k -> > Acesso em: 15/10/2005.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (org). *A carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500* – Edição fac-similar. Salvador: EDUFABA Editora da Universidade Federal da Bahia, 1996.

SILVEIRA, Souza da. *Lições de português: reprodução fotográfica da edição anterior* – acrescida de um estudo prévio de Maximiliano de Carvalho e Silva. 8 ed., Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1972.

VALENTE, José Augusto Vaz. *A carta de Pero Vaz de Caminha* – Estudo crítico, paleográfico-diplomático – São Paulo: Edição do Fundo de Pesquisa do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1975. Coleção Museu Paulista Série História vol. 3.

VASCONCELLOS, Antônio Garcia Ribeiro de. *Grammatica histórica da língua portuguesa*. Lisboa-Paris: Aillaud & Cia – Casa Editora e de Comissão, 1909.

ANEXO 1

CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA AO REI DE PORTUGAL / TEXTO ORIGINAL

(De acordo com texto da Biblioteca Nacional – Portugal, versão eletrônica)

Snõr

1. posto queo capitam moor desta vossa frota e asy os
2. outros capitaães screpuam avossa alteza anoua do acha
3. mento desta vossa terra noua que se ora neesta naue
4. gaçam achou. nom leixarey tam bem de dar disso
5. minha comta avossa alteza asy como eu melhor
6. poder ajmda que perao bem contar e falar o saiba
7. pior que todos fazer. / pero tome vossa alteza minha
8. jnoramçia por boa vomtade. aqual bem çerto crea q[ue]
9. por afremosentar nem afear aja aquy de poer ma
10. is caaquilo que vy e me pareço. / da marinha
11. jem e simgraduras do caminho nõ darey aquy cõ
12. ta a vossa alteza por queo nom saberey fazer e os
13. pilotos deuem teer ese cuidado e por tanto Snõr
14. do que ey de falar começo e diguo. /
15. que apartida de belem como vossa alteza sabe foy seg^a
16. feira ix demarço. e sabado xij do dito mes amtre
17. as biiij e ix oras nos achamos amtre as canareas
18. mais perto da gram canarea e aly amdamos todo
19. aquele dia em calma avista delas obra de tres ou
20. quatro legoas. e domingo xxij do dito mes aas
21. x oras pouco mais ou menos ouuemos vista dasjlhas
22. do cabo verde. s. dajlha de sã njcolaa seg.^o dito de p^o
23. escolar piloto. e anoute segujmte aaseg^{da} feira lhe
24. amanheceo se perdeo da frota vaasco datayde com
25. a sua naao sem hy auer tempo forte ne[m] contrairo
26. pera poder seer. fez ocapitam suas deligençias perao
27. achar ahu[m]as e a outras partes e nom pareço majs
28. Easy segujmos nosso caminho per este mar delomgo
29. ataa terça feira doitauas de pascoa que foram xxj
30. dias dabril que topamos alguu[n]s synaaes de tera
31. seemdo da dita jlha seg^o os pilotos deziã obra de

32. bj^e lx lxx legoas. os quaaes herã mujta cam
33. tidade deruas compridas aque os mareantes
34. chamã botelho e asy outras aque tam bem chamã
35. rrabo dasno. / E aaquarta feira segujmte pola ma
36. nhãa topamos aves aque chamã fura buchos e
37. neeste dia aoras de bespera ouuemos vjsta de tera .s.
38. premeiramente dhuu[m] gramde monte muy alto. e
39. rredondo e doutras serras mais baixas ao sul dele
40. e de trra chaã com grandes aruoredos. ao qual
41. monte alto ocapitam pos nome omonte pascoal
42. E aatera atera davera cruz. mandou lamçar op
43. rumo acharam xxb braças e ao sol posto obra de bj
44. legoas de tera surgimos amcoras em xix braças
45. amcorajem limpa. aly jouuemos todaaquela nou
46. te. e aaquimta feira pola manhaã fezemos vella
47. e segujmos dirt^{os} aaterra eos naujos pequenos diã
48. te himdo per xbij xbj xb xiiij xij xij x.
49. e ix braças ataa mea legoa de trra omde todos
50. lancamos amcoras em dirt^o daboca dhuu[m] rrio
51. e chegariamos aesta amcorajem aas x oras pouco
52. mais ou menos e daly ouuemos vista dhomee[n]s q[ue]
53. andauam pela praya obra de bij ou biiij seg^o os
54. naujos pequenos disseram por chegarem primeiro... /
55. aly lancamos os batees e esquifes fora evieram
56. logo todolos capitaães das naaos aesta naao do
57. capitam moor e aly falaram. e ocapitam man
58. dou no batel em trra njcolaa coelho peraveer aq[ue]le
59. rrio e tamto que ele comecou perala dhir acodirã
60. pela praya homee[n]s quando dous quando tres
61. de maneira que quando obatel chegou aaboca
62. do rrio heram aly xbiiij ou xx homee[n]s pardos
63. todos nuus sem nhuu[m]a cousa que lhes cobrisse suas

64. vergonhas. traziam arcos nas mãos esuas see
65. tas. vijnham todos rrijos perao batel e nicolao co
66. elho lhes fez sinal que posesem os arcos. e eles os
67. poseram. aly nom pode deles auer fala ne[m] ente[n]
68. dimento que aproueitasse polo mar quebrar na
69. costa. soomente deulhes huu[m] barete vermelho e
70. huu[m]a carapuça de linho que leuaua na cabeça
71. e huu[m] sombreiro preto. E huu[m] deles lhe deu huu
72. huu[m] sombreiro de penas daues compridas cõ huu[m]a
73. copezinha pequena de penas vermelhas epardas coma
74. de papagayo e outro lhe deu huu[m] rramal grande
75. de comtinhas brancas meudas que querem parecer
76. daljaueira as quaaes peças creio queo capitam
77. manda avossa alteza e com jsto se volueo aas naaos
78. por seer tarde e nom poder deles auer mais fala por
79. aazo do mar. /
80. anoute segujmte ventou tamto sueste cõ chuuazeiros
81. que fez caçar as naaos e especialmente acapita
82. na. Eaa sesta pola manhaã as biiij oras pouco ma
83. is ou menos per conselho dos pilotos mandou oca
84. pitam leuamtar amcoras e fazer vela e fomos de
85. lomgo dacosta com os batees e esquifes amarados
86. perpopa contra onorte peraveer se achauamos al
87. guu[m]a abrigada e boo pouso omde jouuesemos pera
88. tomar agoa e lenha, nom por nos ja mjnguar mas
89. por nos acertarmos aquy e quamdo fizemos vela
90. seriam ja na praya asentados jumto cõ orrio, obrra
91. de lx ou lxx homee[n]s que se juntaram aly poucos
92. epoucos / fomos de lomgo e mandou ocapitam aos
93. nauios pequenos que fosem mais chegados aatrra
94. e que se achasem pouso seguro peraas naaos que
95. amaynassem. Eseendo nos pela costa obra de x
96. legoas domde nos leuamtamos acharam os ditos

97. nauios peq[ue]nos huu[m] arrecife com huu[m] porto dentro
 98. muito boo e muito seguro com huu[m]a muy larga
 99. entrada e meteramse dentro e amaynaram.
 100. e as naaos arribaram sobreles. e huu[m] pouco amte
 101. sol posto amaynarom obra dhuu[m]a legoa do arrecife
 102. e ancoraramse em xj braças. / Eseendo aº lopez
 103. nosso piloto em huu[m] daqueles naujos pequenos per
 104. mandado do capitam por seer home[m] vyuo e dee
 105. stro pera jssso meteose loguo no esquife asomdar
 106. oporto demtro e tomou em huu[m]a almaadia dous
 107. daqueles homee[n]s da trra mançebos e de boos cor
 108. pos. e huu[m] deles trazia huu[m] arco e bj ou bij seetas
109. e na praya amdauam mujtos cõ seus arcos e seetas
 110. e nom lhe aproueitaram. / trouueos logo ja de noute
 111. ao capitam omde foram rrecebidos com muito pra
 112. zer e festa. /
 113. afeiçam deles he seerem pardos maneira dauerme
 114. lhados de boõs rrostros e boos narizes bem feitos. / am
 115. dam nuus sem nenhuu[m]a cobertura. nem estimam n
 116. huu[m]a coussa cobrir nem mostrar suas vergonhas. e
 117. estam açerqua disso com tamta jnocemçia como
 118. teem em mostrar orrostro. / traziam ambos os beiços
 119. de baixo furados e metidos por eles senhos osos
 120. doso bramcos de compridam dhuu[m]a mão travessa
 121. e de grossura dhuu[m] fuso dalgodam e agudo na põta
 122. coma furador. mete[m] nos pela parte de dentro do bei
 123. ço e oque lhe fica antre obeiço eos demtes he feito
 124. coma rroque denxadrez. e em tal maneira o trazem
 125. aly emcaxado que lhes nom da paixã nem lhes tor
 126. ua afala nem comer nem beber. / os cabelos seus
 127. sam coredios e andauã trosqujados de trosquya
 128. alta mais que de sobre pemtem deboa gramdura
 129. e rrapados ataa per cjma das orelhas. e huu[m] deles

130. trazia per baixo da solapa de fonte afonte pera detras
 131. huu[m]a maneira de cabeleira de penas daue ama
 132. rela que seria decompridam dhuu[m] couto. muy
 133. basta e muy çarada que lhe cobria otoutuço eas ore
 134. lhas. aqual amdaua pegada nos cabelos pena e
 135. pena com huu[m]a comfeçam branda coma cera e
 136. ño no era. demaneira que amdaua acabeleira
 137. muy rredomda e muy basta e muy jgual que ño
 138. fazia mjngoia mais lauajem peraa leuantar. / oca-
 139. pitam quando eles vieram estaua asentado em
 140. huu[m]a cadeira e huu[m]a alcatifa aos pees por estrado
 141. e bem vestido cõ huu[m] colar douro muy grande ao
 142. pescoço. e sancho de toar e simam de miranda enj
 143. colaaõ coelho e aires corea e nos outros que aquy
 144. na naao cõ ele himos asentados no chaõ

 145. per esa alcatifa. / acemderam tochas e emtraram e ño
 146. fizeram nhuu[m]a mençam de cortesia nem de falar
 147. ao capitam nem anjmguem. pero huu[m] deles pos olho no
 148. colar do capitam e começou daçenar cõ amaõõ pera
 149. aterra e depois perao colar como que nos dezia que
 150. avia em tera ouro e tam bem vio huu[m] castical de
 151. prata e asy meesmo acenaua peraa tera e entã perao
 152. castical como que avia tam bem prata. / mostrarã
 153. lhes huu[m] papagayo pardo que aquy ocapitam traz. /
 154. tomarãõ logo na maõõ e acenaram peraa tra
 155. como que os avia hy. / mostraranlhes huu[m] carn.^{ro}
 156. ño fizeram dele mençam. mostraranlhes huu[m]a g.^a
 157. casy aviam medo dela e ño lhe queriam poer a
 158. maõõ edespois atomaram coma espamtados. / de
 159. ranlhes aly de comer pam e pescado cozido. confej
 160. tos fartees mel e figos pasados. ño quiseram comer
 161. daquilo casy nada e alguu[m]a coussa se aprouauam
 162. lamçauãna logo fora, trouueranlhes vinho perhu[m]a

163. taça. poseranlhe asy aboca tã malaues e nõ gostarã
 164. dele nada nem oquiseram mais / trouueramlhes
 165. agoa perhuu[m]a albarada tomaram dela senhos
 166. bocados e nõ beberam. soom^{te} lauarã as bocas elam
 167. çaram fora. Vio huu[m] deles huu[m]as contas de rrosairo
 168. brancas. açenou que lhas desem e folgou muito com
 169. elas e lancouas ao pescoço e depois tirouas e enb
 170. rulhouas no braço e acenaua peraa trra e entã peraa
 171. contas eperao colar do capitam como que dariam
 172. ouro por aquilo. / Isto tomauamonos asy polo de
 173. sejarmos / mas se ele queria dizer que leuaria
 174. as contas e mais ocolar. jsto nom querjamonos
 175. emtender porque lho nõ aviamos de dar edespo
 176. is tornou as contas aquem lhas deu e entã estira
 177. ranse asy decostas naalcatifa adormjr sem teer
 178. nenhuu[m]a maneira de cobrirem suas vergonhas as quaaes
 179. nõ herã fanadas e as cabeleiras delas bem rrapa
 180. das e feitas. / ocapitã lhes mandou poer aas cabeças
 181. senhos coxijs e odacabeleira procuraua assaz polla
 182. nõ quebrar e lançarãlhes huu[m] manto e[m] cjma e eles cõ
 183. sentiram e jouueram e dormjram. / ./
184. ao sabado pola manhaã mandou ocapitã fazer vella
 185. e fomos demandar aemtrada aqual era muy lar
 186. gua e alta de bj bij braças e entraram totalas
 187. naaos demtro e amcoraramse em b bj braças / a
 188. qual amcorajem dentro he tam grande e tã fre
 189. mossã e tam segura que podem jazer dentro neela
 190. mais de ij^e navjos e naaos. e tamto que as naaos
 191. foram pousadas e amcoradas vieram os capitaães
 192. todos aesta naao do capitam moor edaquy mandou
 193. ocapitã a njcolaaõ coelho ebertolameu dijz que fo
 194. sem em terra eleuasem aqueles dous homee[n]s eos lei

195. xasem hir com seu arco e seetas, aos quaaes mādou
 196. dar senhas camisas nouas e senhas carapuças ver
 197. melhas e dous rrosairos de contas brancas doso que
 198. eles leuauam nos braços e senhos cascauees e senhas
 199. campainhas. e mandou cõ eles pera ficar la huu[m]
 200. mançoabo degradado criado de dom joham teelo aq[ue]
 201. chamã aº rribeiro pera amdar la com eles e saber
 202. de seu vjuer e maneira e amy[m] mandou que fose
 203. cõ nicolaa coelho. / fomos asy de frecha djrtos aa
 204. praya / aly acodiram logo obra de ij^e homee[n]s todos
 205. nuus ecõ arcos e seetas nas mãos. / aqueles que
 206. nos leuauamos acenaramlhes que se afastassem
 207. e posesem os arcos e eles os poseram e nom se afasta
 208. uam muito. / abasta que poseram seus arcos e em
 209. tam sairam os que nos leuauamos e o mançoabo
 210. degradado cõ eles. os quaaes asy como sairã nom
 211. pararam mais nem esperaua huu[m] por outro se nõ
 212. aquem mais coreria epasarã huu[m] rrio que perhy
 213. core dagoa doce de mujta agoa que lhes daua pe
 214. la braga e outros mujtos cõeles e foram asy core[n]do
 215. aalem do rrio antre huu[m]as moutas depalmas
 216. onde estauam outros e aly pararom e naquillo
 217. foy o degradado com huu[m] home[m] que logo ao sair
 218. do batel ho agasalhou e leuouo ataa la e logo ho
 219. tornaram a nos e com ele vieram os outros que
 220. nos leuamos os quaaes vijnham ja nuus e sem
 221. carapuças. Eentam se começaram dechegar mujtos

 222. e emtrauam pela beira do mar pera os batees ataa
 223. que mais nom podiam e traziam cabaacos dagoa
 224. e tomauã alguu[n]s barijs que nos leuauamos e em
 225. chianos dagoa e trazianos aos batees. nõ que eles
 226. de todo chegassem abordo do batel. mas junto cõ ele

227. lançauãno damaão e nos tomauamolos epe
 228. diam que lhes desem alguu[m]a coussa. / leuaua nj
 229. colaaõ coelho cascauees e manjilhas e huu[n]s daua
 230. huu[m] cascauel e aoutros huu[m]a manjlha. deman^{ra}
 231. que com aquela emcarna casy nos queriam dar
 232. amaão. Dauãnos daqueles arcsos e seetas por son
 233. breiros e carapuças de ljnho e por qualq[ue]r coussa
 234. que lhes home[m] queriã dar. / daly se partirã os
 235. outros dous mançebos que nom os vimos mais. /
 236. amdauam aly mujtos deles ou casy amaior parte.
 237. que todos traziam aqueles bicos doso nos beiços e
 238. alguu[n]s que amdauam sem eles traziam os beiços
 239. furados e nos buracos traziam huu[n]s espelhos de
 240. paaõ que pareciam espelhos de boracha e alguu[n]s
 241. deles traziam tres daqueles bicos .s. huu[m] na me
 242. tade eos dous nos cabos. e amdauam hy outros
 243. quartejados de cores .s. deles ameeade dasua pro
 244. pria cor e ameeade de timtura negra maneira
 245. dazulada e outros quartejados descaques. / aly am
 246. dauam antreles tres ou quatro moças bem moças
 247. e bem jentijs com cabelos mujto pretos conprjdos
 248. pelas espadoas e suas vergonhas tam altas e tã
 249. çaradinhas e tam limpas das cabeleiras que de
 250. as nos mujto bem olharmos nõ tijnhamos nhuu[m]a
 251. vergonha. / aly por emtam nom ouue mais fala ne[m]
 252. emtendimento cõ eles por aberberja deles seer ta
 253. manha que se nom emtendia nem ouuja njnge[m]. /
 254. açenamoslhe que se fosse e asy o fizeram e pasa
 255. ranse aalem do rrio e sairã tres ou quatro homee[n]s
 256. nosos dos batees e emcherã nõ sey quantos barrijs
 257. dagoa que nos leuauamos e tornamonos aas naaos. /
 258. e em nos asy vijndo acenarãnos que tornasemos. /
 259. tornamos e eles mandarom odegradado e nom

260. quiseram que ficasse la cõ eles ./ oqual leuaua huu[m]a
 261. bacia pequena e duas ou tres carapuças verme
 262. lhas pera dar la ao S^{or} seo hy ouuese. / nõ curarã
 263. de lhes tomar nada e asy omandaram com tudo
 264. e entam bertolameu dijz ofez outra vez tornar
 265. que lhes dese aquilo. e ele tornou edeu aquilo
 266. e[m] vista de nos aaquele queo da prim^a agasalhou
 267. e entam veosse e trouuemolo. / este queo agasalhou
 268. era ja de dias e amdaua todo por louçaynha
 269. cheo depenas pegadas pelo corpo que parecia a
 270. seetado coma sam sabastiam. outros traziã cara
 271. puças depenas amarelas eoutros de vermelhas eoutros de
 272. verdes. e huu[m]a daquelas moças era toda timta
 273. defumdo acjma daquela timtura aqual çerto
 274. era tã bem feita e tam rredomda e sua vergonha
 275. que ela nõ tijnha tam graçiossa que amujtas
 276. molheres de nossa trra vendolhe taaes feições fe
 277. zera vergonha por nom teerem asua comeela. / nhuu[m]
 278. deles nõ era fanado mas todos asy coma nos
 279. e com isto nos tornamos e eles foramsse//
 280. aatarde sayo ocapitã moor e[m] seu batel cõ todos
 281. nos outros e com os outros capitaães das naaos em
 282. seus batees afolgar pela baya acaram dapraya
 283. mas njmguem sayo em tera polo capitã nom
 284. querer sem embargo de njmguem neela estar. /
 285. soamente sayo ele com todos em huu[m] jlheeo
 286. grande que na baya esta que de baixamar fica
 287. muy vazio pero he detodas partes cercado dagoa
 288. que nõ pode njmguem hir aele sem barco ou
 289. anado. / aly folgou ele e todos nos outros bem hu[m]ja
 290. ora e m^a e pescaram hy amdando marinheiros
 291. cõ huu[m] chimchorro e mataram pescado meudo
 292. nõ mujto. e entã voluemonos aas naaos ja be[m] noute. /

293. ao domingo de pascoela pola manhaã detremj
 294. nou ocapitam dhir ouuir misa e preegaçam na
 295. quele jlheeo. e mandou atodolos capitaães que se
 296. corejesem nos batees e fosem cõ ele e asy foy feito. /
 297. mandou naquele jlheeo armar huu[m] esperauel
 298. e dentro neele aleuantar altar muy bem core
 299. gido e aly com todos nos outros fez dizer misa
 300. aqual dise o padre frey amrique em voz entoa
 301. da e oficiada cõ aquela meesma voz pelos outros
 302. padres e sacerdotes que aly todos heram. / aqual
 303. misa seg^o meu parecer foy ouujda per todos cõ
 304. mujto prazer e deuaçom. aly era com ocapitam
 305. abandeira de xpos com que sayo debelem a
 306. qual esteue senpre alta aaparte do auamjelho. /
 307. acabada amisa desuestiosse o padre eposesse em
 308. huu[m]a cadeira alta e nos todos lamcados per esa
 309. area e preegou huu[m]a solene e proueitossa preega
 310. çom da estorea do auanjelho. e em fim dela tra
 311. utou de nossa vijnda e do achamento desta trra cõ
 312. formandose cõ o sinal da cruz so cuja obediência
 313. vijmos aqual veo mujto apreposito efez mujta
 314. deuaçom.
 315. em quanto esteuemos aamisa e aapregacom
 316. seriã na praya out^a tanta gente pouco mais
 317. ou menos como os domtem cõ seus arcos e seetas
 318. os quaaes amdauam folgando e olhandonos
 319. e asentaramse. e depois dacabada amisa asee[m]
 320. tados nos aapregaçom aleuantaranse mujtos
 321. deles e tanjeram corno ou vozina e comecaram
 322. asaltar e dançar huu[m] pedaço. e alguu[n]s deles
 323. se metiam em almaadias duas ou tres que hy
 324. tijnhem as quaaes ã sam feitas como as que
 325. eu ja vy. soom^{te} sam tres traues atadas juntas

326. e aly se metiam iij ou b ou eses que queriam
 327. nō se afastando casy nada datrra se nō quanto
 328. podiam tomar pee. / acabada apregacō moueo
329. ocapitã e todos peraos batees cō nosa band^{ra}
 330. alta e embarcamos e fomos asy todos contra a trra
 331. perapasarmos ao longo per ondeles estauam hj
 332. ndo bertolameu dijz em seu esquife per mādado
 333. do capitam diamte cō huu[m] paa dhuu[m]a almaa
 334. dia que lhes o mar leuara pera lho dar e nos
 335. todos obra de tiro depedra tras dele. como eles
 336. viram ho esquife debertolameu dijz chegarãse
 337. logo todos aagoa metendose neela ataa onde
 338. mais podiam. acenaranlhes que posesem os
 339. arcos e mujtos deles os hiam logo poer e[m] trra
 340. e outros os nō punham. amdaua hy huu[m] que
 341. falaua mujto aos outros que se afastasem mas
 342. nō ja que mamy[m] parecece que lhe tijnham
 343. acatame[n]to ne[m] medo / este que os asy amdaua
 344. afastando trazia seu arco e seetas e amdaua tj
 345. mto de timtura vermelha pelos peitos e espadoas
 346. e pelos quadrijs coxas e pernas ataa baixo.
 347. eos vazios com abarriga e estamego era da
 348. sua propia cor e a timtura era asy vermelha
 349. que aagoa lha nã comya nem desfazia / ante
 350. quando saya daagoa era mais vermelho. / sayo
 351. huu[m] home[m] do esquife de bertolameu dijz. e
 352. andaua antreles sem eles emtenderem nada
 353. neele quanta pera lhe fazerem mal. se nō quã
 354. to lhe dauam cabaaços dagoa e acenavã aos
 355. do esquife que saisem em trra. cō jsto se volueo
 356. bertolameu dijz ao capitam e viemonos aas
 357. naaos acomer tanjendo tronbetas e gaitas
 358. sem lhes dar mais apresam e eles tornaramse

359. aasentar na praya Easy por entam ficarã. /
 360. neeste jlheo omde fomos ouujr misa epreegaçã
 361. espraya muito aagoa e descobre mujta area
 362. e mujto cascalhaao. forã alguu[n]s em nos hy está
 363. do buscar marisco e nõ no acharom. e acharã
 364. alguu[n]s camaroões grosos e curtos. / amtre
365. os quaaes. vijnha huu[m] mujto grande camarã
 366. e muito grosso que em nhuu[m] tempo ovy tama
 367. nho. tam bem acharom cascas de bergoões e da
 368. meijeas mas nõ toparã cõ nhuu[m]a peça jnt^{ra}
 369. e tamto que comemos vieram logo todolos capi
 370. taães aesta naao per mandado do capitã moor
 371. com os quaaes se ele apartou e eu na conpanhia
 372. e preguntou asy atodos se nos parecia seer bem
 373. mandar anoua do achamento desta trra avosa
 374. alteza pelo naujo dos mantijm^{tos} peraa mjllhor
 375. mãdar descobrjr e saber dela mais do que agora
 376. nos podiamos saber por hirmos denosa viagem
 377. e antre mujtas falas que no caso se fezeram
 378. foy per todos ou amayor parte dito que seria
 379. mujto bem. e njsto comcrudiram. / e tamto
 380. q[ue] aconcrusam foy tomada. preguntou
 381. mais se seria boo tomar aquy per força huu[m] par
 382. destes homee[n]s. peraos mandar avosa alteza. e
 383. leixar aquy por eles outros dous destes degra
 384. dados. / aesto acordaram que nõ era necesa
 385. reo tomar per força homee[n]s. por que jeeral
 386. costume era dos que asy leuauom per força
 387. peraalgu[m]a parte dizerem que ha hy todo oque
 388. lhe preguntam. / e que mjllhor e mujto mjllhor
 389. enformaçon da trra dariam dous homee[n]s
 390. destes degradados que aquy leixassem. doque

391. eles dariam seos leuarem por seer jente que
 392. njmguem emtende nem eles tam cedo apre[n]
 393. deriam afalar perao sabere[m] tam bem dizer que
 394. mujto mijhor ho estoutros nom digam quando
 395. ca vosa alteza mandar. e que por tamto nom
 396. curasem aquy deper força tomar njmguem
 397. nem fazer escandolo peraos detodo mais amã
 398. sar e apaceficar. / se nom soom^{te} leixar aquy os
 399. dous degradados quando daquy partisemos. / easy
 400. por mijhor parecer atodos ficou detremjnado ./
401. acabado jsto. dise ocapitam que fossemos nos ba
 402. tees em trra e veersia bem o rrio quejando era.
 403. e tam bem pera folgarmos. / fomos todos nos
 404. batees em tera armados e abandeira cõ nosco. /
 405. eles amdauam aly na praya aaboca do rrio
 406. omde nos hiamos e ante que chegamos. / do
 407. emsino que dantes tijnhem poseram todos
 408. os arcos e acenavam que saisemos e tanto
 409. que os batees poserã as proas em trra pasarãse
 410. logo todos aalem do rrio oqual nõ he mais an
 411. cho que huu[m] jogo demanqual e tanto que
 412. desenbarcamos. alguu[n]s dos nosos pasaron
 413. logo o rrio e foram antrelles. / e alguu[n]s agua
 414. rdauam e outros se afastauam. pero era acousa
 415. demaneira que todos amdauam mesturados. /
 416. eles dauam deses arcos com suas seetas por
 417. sombreiros e carapuças de linho e por quall
 418. quer cousa que lhes dauam. / pasaram aalem
 419. tamtos dos nosos e amdauam asy mestura
 420. dos cõ eles. que eles se esqujuauam e afasta
 421. uanse e hianse deles peracjma onde outros
 422. estauam e entã ocapitam fezese tomar ao
 423. colo de dous homee[n]s e pasou o rrio e fez tornar

424. todos. / ajente que aly era ñ serja mais
 425. caaquela que soya. / e tanto queo capitã
 426. fez tornar todos vieram alguu[n]s deles aele
 427. ñ polo conhecere[m] por S.^{Or} ca me parece que
 428. ñ entendem ne[m] tomauã djsso c.^{to} mas
 429. por que ajente nossa pasava ja peraaquem do
 430. rrio. / aly falauã e traziam mujtos arcos e
 431. contjnhas daquelas ja ditas e rresgatauã
 432. por qualquer cousa. em tal maneira que tro
 433. uueram daly peraas naaos mujtos arcos e see
 434. tas e comtas e entam tornouse ocapitam
 435. aaquem do rrio e logo acodirã mujtos aabeira dele
436. aly verjees galantes pimtados depreto everme
 437. lho e quartejados asy pelos corpos como pelas
 438. pernas. que çerto pareciam asy bem. / tanbem
 439. andauam antreles iiii ou b molheres moças
 440. asy nuas que nom pareciam mal. antre as
 441. quaaes amdaua huu[m]a com huu[m]a coxa
 442. do giolho ataa oquadril e anadega toda tjnta
 443. daquela tintura preta eoal. todo dasua propria
 444. cor. out^a trazia anbolos giolhos cõ as cur
 445. uas asy tuntas e tam bem os colos dos pees.
 446. e suas vergonhas tam nuas e com tamta jno
 447. çemçia descubertas que ñ avia hy nenhuu[m]a
 448. vergonha. / tam bem andaua hy out^a molher
 449. moça com huu[m] menjno ou menjna no colo
 450. atado com huu[m] pano ñ sey deque aos peitos.
 451. que lhe ñ parecia se ñ as pernjinhas. / mas
 452. as pernas damay eo al ñ trazia nenhuu[m]
 453. pano. / e depois moueo ocapitam peracjma
 454. ao longo do rrio que anda senpre acaram da
 455. praya e aly esperou huu[m] velho que trazia

456. na mão hu[m]a paa dalmadia. / falou estãdo
 457. ocapitã com ele perante nos todos sem onu[n]ca
 458. njuquem emtender nem ele anos quanta
 459. cousas que lhome[m] pregumtaua douro que nos
 460. desejuamos saber seo avia na trra. / trazia
 461. este velho obeiço tam furado que lhe caberja
 462. pelo furado hu[m] gram dedo polegar e tra
 463. zia metido no furado huu[m]a pedra verde rroim
 464. que çarava per fora aquele buraco e ocapitã
 465. lha fez tirar e ele nõ sey que diaabo falaua
 466. e hia cõ ela peraaboca do capitam peralha meter. /
 467. esteuemos sobriso huu[m] pouco rrijmdo e entam
 468. enfadouse ocapitã e leixouo. e huu[m] dos nosos
 469. deulhe pola pedra huu[m] sonbreiro uelho nõ por
 470. ela valer algu[m]a coussa. mas por mostra. e
 471. despois aouue ocapitam. creio pera cõ as outras cou

 472. sas amandar avosa alteza. / andamos per hy
 473. veendo a rribeira aqual he de mujta agoa e
 474. mujto boa. / ao longo dela ha mujtas palmas
 475. nõ muito altas em que ha mujto boos palmj
 476. tos. colhemos e comemos deles mujtos. / entã
 477. tornou se ocapitã perabaixo peraaboca do rrio on
 478. de desenbarcamos e aalem do rrio amdauã
 479. mujtos deles damçando e folgando huu[n]s
 480. ante outros sem se tomarem pelas mãos e
 481. faziãno bem /. pasouse emtam aalem do rrio
 482. diego dijz alx^e que foy de sacauem que he home[m]
 483. gracioso edeprazer e levou comsigo huu[m] ga
 484. yteiro noso cõ sua gaita e meteose cõ eles
 485. adançar tomandoos pelas mãos e eles folga
 486. uam e rriam e amdauam cõ ele muy bem
 487. ao soõ dagaita. despois de dançarem fezlhe
 488. aly amdando no chaão mujtas voltas lige

489. iras e salto rreal deque se eles espantauam
 490. e rriam e folgauã mujto. e com quanto os
 491. cõ aquilo muito segurou e afaagou. toma
 492. uam logo huu[m]ja esqujueza coma monteses e
 493. foranse pera cjma. Eentã ocapitã pasou orrio
 494. cõ todos nos outros e fomos pela praya delongo
 495. himdo os batees asy acaram de tera e fomos
 496. ataa huu[m]ja lagoa grande dagoa doce que
 497. esta jumto com apraya por que toda aquela
 498. rrib^a do mar he apaulada percjma e saay
 499. aagoa permujtos lugares e depois depasarmos
 500. orrio foram huu[n]s bij ou biiij deles amdar
 501. antre os marinheiros que se rrecolhiã aos ba
 502. tees e leuaram daly huu[m] tubaram que
 503. bertolameu dijz matou e leuualho e lanço
 504. uo na praya. / abasta que ataaquy como quer
 505. que se eles em alguu[m]ja parte amansasem
 506. logo dhu[m]ja mão peraaout^a se esqujuauam

 507. coma pardaaes deceuadoiro e home[m] nom lhes
 508. ousa de falar rrijo por se mais nom esqujuarem
 509. e todo se pasa como eles querem polos bem a
 510. mansar. / ao velho cõ que ocapitam falou
 511. deu huu[m]ja carapuça vermelha e com toda a fala
 512. que cõ ele pasou e com acarapuça que lhe
 513. deu. tanto que se espedio que comecou de
 514. pasar o rrio. foise logo rrecatando. e nõ qujs
 515. mais tornar do rrio peraaquem. / os outros dous
 516. queo capitã teue nas naaos aque deu oque
 517. ja dito he. numca aqui mais pareceram. de
 518. que tiro seer jente bestial e depouco saber e
 519. por ysso sam asy esqujvos. / eles porem cõ tudo
 520. andam mujto bem curados e mujto limpos

521. e naquilo me parece ajmda mais que sam
522. coma aves ou alimareas monteses que
523. lhes faz ho aar mjilhor pena e mjilhor cabelo
524. que aas mansas. / porque os corpos seus sam
525. tam limpos e tam gordos e tam fremosos
526. que nã pode mais seer. e jsto me faz presumir
527. que nã teem casas ne[m] moradas em que se co
528. lham eo aar aque se criam os faz taaes. / ne[m]
529. nos ajnda ataagora nom vimos nenhuu[m]as casas
530. nem maneira delas. / mandou ocapitã aaquele
531. degradado aº Ribeiro que se fosse outª vez com
532. eles. oqual se foy e andou la huu[m] boõ pedaço
533. e aatarde tornouse queo fezerã vijr e nã
534. oquiseram la consentir e derãlhe arcos e seetas
535. e nã lhe tomarã nhu[m]a cousa do seu. / ante dise
536. ele que lhe tomara huu[m] deles huu[m]as continhas
537. amarelas que ele leuaua e fogia cõ elas e ele
538. se queixou eos outros foram logo apos ele elhas
539. tomaram e tornaranlhas adar e emtam mã
540. darãno vijr. / dise ele que nã vira la antre
541. eles se nã huu[m]as choupanjnhas de rrama verde
542. e de feeitos mujto grandes coma damtre doiro e
543. mjnho e asy nos tornamos aas naaos ja casy noute adormjr
544. aasegda feira depois decomer saimos todos e[m] tra
545. atomar agoa. / aly vieram emtam mujtos. mas
546. nã tamtos comaas outras uezes e traziã ja
547. muito poucos arcos e esteuerã asy huu[m] pouco
548. afastados denos. e despois poucos epoucos mestu
549. raranse cõ nosco. e abracauãnos e folgauam
550. e alguu[n]s deles se esqujuauam logo. aly da
551. uam alguu[n]s arcos por folhas depapel epor al
552. gu[m]a carapucinha velha e por qual q[ue]r cousa
553. Eem tal maneira se pasou acousa que bem

554. xx ou xxx pessoas das nosas se forã cõ elles
 555. onde outros mujtos deles estauam com moças
 556. e molheres e trouueram dela muitos arcos
 557. e baretes depenas daues deles verdes e deles
 558. amarelos de que creo queo capitam hade
 559. mãdar amostra a vossa alteza. e seg^o deziã
 560. eses que la foram folgauam com eles. / ne
 561. este dia os uimos de mais perto e mais aanosa
 562. vontade por andarmos todos casy mesturados
 563. Ealy deles andauam daquelas timenturas
 564. quartejados outros de meetades outros detanta
 565. feiçam coma e[m] panos darmar e todos com os
 566. beiços furados e mujtos cõ os osos neeles e deles
 567. sem osos. / traziã alguu[n]s deles huu[n]s ouriços
 568. verdes daruores que na cor querjam pa
 569. recer de castinheiros se nõ quanto herã mais
 570. e mais pequenos e aqueles herã cheos dhuu[n]s
 571. graãos vermelhos pequenos. que esmagandoos
 572. antre os dedos fazia tintura muito vermelha
 573. daque eles amdauam tintos e quanto se ma
 574. is molhavã tanto mais vermelhos ficauam. /
 575. todos andam rrapados ataacjma das orelhas.
 576. e asy as sobrançelhas e pestanas. / trazem todos
 577. as testas de fonte afomte tintas datintura
 578. preta que parece huu[m]a fita preta ancha de

 579. dous dedos. Eo capitã mandou aaquele degra
 580. dado a^o ribeiro e aoutros dous degradados que
 581. fosem amdar la antreles e asy ad^o dijz por
 582. seer home[m] ledto com que eles folgauam. e
 583. aos degradados mandou que ficasem la
 584. esta noute. / Foramse la todos e andaram
 585. antreles e seg^o eles deziã foram bem huu[m]a
 586. legoa e meia ahuu[m]a pouoraçom de casas em

587. que averja ix ou x casas as quaaes deziã
588. q[ue] erã tam conpridas cada hu[m]a comeesta naao
589. capitana. e herã de madeira e das jlhargas
590. de tauoas e cubertas de palha de rrazoada al
591. tura e todas em huu[m]a soo casa sem nhuu[m] rrepar
592. timento tijnhem de dentro mujtos esteos e de
593. steo aesteo huu[m]a rrede atada pelos cabos e[m] ca
594. da esteo altas em que dormjam e debaixo pera
595. se aquentarem faziam seus fogos e tijnha ca
596. da casa duas portas pequenas huu[m]a e[m] huu[m]
597. cabo e out^a no outro. e deziã que em cada
598. casa se colhiam xxx ou X pessoas e que asy
599. os achauam e que lhes dauam de comer da
600. quela vianda que eles tijnhem .s. mujto j
601. nhame eoutras sementes que na trra ha q[ue]
602. eles comem. e como foy tarde fezerãnos logo
603. todos tornar e nom quiseram que la ficasse
604. nhuu[m] e ajnda seg^o eles deziã queriãse vijr
605. cõ eles. / rresgataram la por cascauees e por
606. out^{as} cousinhas depouco ualor q[ue] leuauã pa
607. pagayos vermelhos mujto grandes e fremo
608. sos. e dous verdes pequenjnos e carapuças
609. de penas verdes e huu[m] pano de penas de mujtas
610. cores maneira de teçido asaz fremoso seg^o
611. vosa alteza todas estas cousas vera por que oca
612. pitã volas ha de mandar seg^o ele dise. e
613. com jsto vieram. e nos tornamonos aas naaos. ./
614. aaterça feira depois de comer fomos e[m] trra dar
615. guarda delenha e lauar rroupa. / estauam
616. na praya quando chegamos obra de lx ou
617. lxx sem arcos e sem nada. / tamto que che
618. gamos vieramse logo peranos sem se esqj
619. uarem. / e depois acodiram mujtos que se

620. riam bem ij^e todos sem arcos. / e mestura
621. ramse todos tanto com nosco que nos aju
622. dauam deles aacaretar lenha e meter nos
623. batees e lujtauam cõ os nosos e tomauam
624. mujto prazer. / Eem quanto faziamos
625. alenha. faziam dous carpenteiros huu[m]a
626. grande cruz dhuu[m] paaõ que se omtem pera
627. yssõ cortou. / mujtos deles vijnham aly estar
628. cõ os carpenteiros e creõ queõ faziã mais por
629. veerem afaramenta de ferro com q[ue] afaziã
630. q[ue] por veerem acruz por que eles nõ teem
631. cousa que de fero seja e cortam sua mad^{ra}
632. e paaos com pedras feitas coma cunhas me
633. tidas em huu[m] paaõ antre duas talas muy
634. bem atadas e per tal maneira que andam
635. fortes seg^o os homee[n]s que omtem suas
636. casas deziã por que lhas viram la. / era
637. ja aconuersaçam deles com nosco tanta
638. que casy nos toruauam ao que aviamos
639. defazer. / Eo capitã mandou adous degra
640. dados e ad^o dijz que fosse la aaldea e a
641. outras se ouuesem delas nouas e q[ue] e[m] toda
642. maneira nõ se viesem adormjr aas naos
643. ajnda que os eles mandasem e asy se forã. /
644. em quanto andauamos neesa mata acor
645. tar alenha atrauesauam alguu[n]s papa
646. gayos per esas aruores deles verdes e ou
647. tros pardos grandes e pequenos dema

648. neira que me parece que avera neesta trra
649. mujtos pero eu nom veria mais que ataa ix
650. ou x. outras aues entã nom vimos som^{te}
651. alguu[m]as ponbas seixas e parecerãme ma

652. yores em boa cantidade caas de portugal.
 653. alguu[n]s deziã que virã rrolas mas eu nõ
 654. as vy mas segº os aruoredos sam muy
 655. mujtos e grandes e djmfimdas maneiras
 656. nõ doujdo que per ese sartaão ajam muj
 657. tas aues. Eaçerqua danoute nos volue
 658. mos peraas naaos com nossa lenha. / eu
 659. creo S^{or} que nõ dey ajnda aquy conta avosa
 660. alteza da feiçam de seus arcos e seetas. / os
 661. arcos sam pretos e conpridos e as seetas cõ
 662. pridas e os feros delas de canas apara
 663. das segº vosa alteza vera per alguu[n]s que
 664. creo queo capitã aela ha demujar. /
665. aaquarta feira nõ fomos em ttra por que ocapi
 666. tam andou todo o dia no naujo dos mantime[n]tos
 667. adespejalo e fazer leuar aas naaos jssso que ca
 668. dahuu[m]a podia leuar. / eles acodiram aapraya
 669. mujtos segº das naaos vimos que seriam obra de iij^e
 670. segº sancho detoar que la foy dise. / diego diiz
 671. e aº rribeiro odegradado aque ocapitã otem
 672. mandou que em toda maneira la dormisem
 673. volueranse ja denoute por eles nom quererem
 674. que la dormisem e trouuerã papagayos verdes
 675. e out^{as} aues pretas casy como pegas se nõ quãto
 676. tijnhem obico bramco eos rrabos curtos. e quãdo
 677. se sancho de toar rrecolheo aanaao querianse vijr
 678. cõ ele alguu[n]s mas ele nõ qujs se nõ dous mã
679. cebos despostos e homee[n]s deprol. / mandouos esa
 680. noute muy bem pemsar e curar e comeram toda
 681. vianda que lhes deram e mandoulhes fazer cama
 682. de lençooes segº ele disse e dormjram e folgaram

683. aquela noute e asy nõ foy mais este dia que pera
684. screpuer seja
685. aaqujnta feira derad^{ro} dabril comemos logo casy
686. pola manhaã e fomos em trra por mais lenha
687. e agoa e em querendo ocapitam sair desta naao
688. chegou sancho detoar com seus dous ospedes e por
689. ele nõ teer ajnda comjdo poseranlhe toalhas
690. e veolhe vianda e comeo. / os ospedes asentarãnos
691. em senhas cadeiras e detodo oque lhes deram come
692. ram muy bem. especialmente lacam cozido frio
693. e arroz. nõ lhes deram v^o por sancho detoar dizer
694. queo nõ bebiam bem. / acabado ocomer metemo
695. nos todos no batel e eles cõ nosco. / deu huu[m] grom
696. ete ahuu[m] deles huu[m]a armadura grande do porco
697. montes bem rreuolta e tamto que atomou meteo
698. a logo no beiço e por que se lho nõ queria teer derã
699. lhe huu[m]a pequena de cera vermelha e ele corejeo
700. lhe detras seu aderemço para se teer e meteo
701. a no beiço asy rreuolta pera cjma e vijnha tam comtente
702. com ela como se teuera huu[m]a grande joya. / e
703. tamto que saymos em trra foise logo cõ ela que
704. nõ pareceo hy mais. / andariam na praya quãdo
705. saymos biiij ou x deles e dhi a pouco começaram
706. de vãjr. e pareceme que vijnriam este dia aapra
707. ya iiij^e ou iiij^{el}. / traziã alguu[n]s deles arcos e
708. seetas e todolos deram por carapuças e por quall
709. q[ue]r cousa que lhes dauam. / comiam cõ nosco do q[ue]
710. lhes dauamos e bebiam alguu[n]s deles v^o e outros
711. o nõ podiam beber mas pareceme que se lho ave
712. zarem queo beberam de boa vontade. / andauã todos
713. tam despostos e tam bem feitos e galantes cõ suas
714. timturas que pareciam bem. / acaretauam desa le

715. nha quamta podiam com muy boas uomtades e le
 716. uãuana aos batees e amdauam ja mais mansos
 717. e seguros antre nos doque nos amdauamos antreles. /
 718. foy ocapitã com alguu[n]s denos huu[m] pedaço per este
 719. aruoredo ataa huu[m]a rribeira grande e de muita agoa
 720. que anoso parecer era esta meesma que vem teer
 721. aa praya em que nos tomamos agoa. / aly jouuemos
 722. huu[m] pedaço bebendo e folgamdo ao longo dela
 723. antrese aruoredo que he tamto e tamanho e tam ba
 724. sto e de tamtas prumajee[n]s que lhe ão pode home[m] dar
 725. comto. ha antrele mujtas palmas deque colhemos
 726. mujtos e boos palmjtos. ./ quando saymos dobatel
 727. disse ocapitã que serja boo hirmos dereitos aacruz q[ue]
 728. estaua emcostada ahuu[m]a aruore junto com orrio perase
 729. poer de manhaã que he sesta feira e que nos posese
 730. mos todos em giolhos e abeijasemos pera eles veerem
 731. ho acatame[n]to que lhe tijnhamos. e asy o fezemos. /
 732. Eeses x ou xij que hy estauam acenaramlhes que
 733. fezesem asy e foram logo todos beijala. / parece-me
 734. jemte de tal jnoçencia que se os home[m] emtendese
 735. e eles anos. que seriam logo xpaãos por que eles
 736. ão teem nem emtendem em nhuu[m]a creemça
 737. segº parece. Epor tamto se os degradados que aqui
 738. am de ficar. aprenderem bem asua fala eos em
 739. tenderem. / nom doujdo segº asanta tençam de
 740. vosa alteza fazeremse xpaãos e creerem na nossa
 741. samta fé. aaqual praza anosso Snõr que os traga. /
 742. por q[ue] çerto esta jente he boa e de boa sijnpresidade
 743. e enpremarsea ligeirame[n]te neeles qualq[ue]r cru

 744. nho que lhes quiserem dar e logo lhes nosso S^{OR} deu
 745. boos corpos e boos rostros comaaboos homee[n]s. e ele
 746. que nos per aquy trouue creo que nom foy sem causa
 747. e por tanto Vosa alteza pois tamto deseja acreçentar

748. na santa fe catolica. deue emtender em sua salua
749. çam e prazera ads que com pouco trabalho sera asy /
750. eles nõ lauram nem criam nem ha aquy boy nem
751. vaca nem cabra nem ovelha nem g^a nem out^a nhu[m]a
752. alimarea que costumada seja ao viuer dos homee[n]s
753. ne[m] come[m] se nõ dese jnhame que aquy ha mujto e
754. desa semente e frutos que atera e as aruores de sy
755. lançam. e com jsto andam taaes e tam rrijos e tã
756. nedeos. queo nõ somosnos tamto com quanto trigo
757. e legumes comemos. / em quanto aly este dia am
758. daram senpre ao soõ dhuu[m] tanbory nosso dançarã
759. e bailharã cõ os nosos. / e[m] maneira que
760. sam muito mais nosos amj
761. gos que nos seus. / se lhes home[m] acenaua se queriã
762. v^{ajr} aas naaos fazianse logo prestes pera jssso e[m] tal
763. maneira que seos home[m] todos quisera comujdar. /
764. todos uieram. porems nõ trouemos esta nou
765. aas naaos se nõ iij ou b .s. ocapitã moor dous
766. e simã de miranda huu[m] que trazia ja por paje
767. e aires gomez outro asy paje. / os queo capitam
768. troue era huu[m] deles huu[m] dos seus ospedes que
769. aa primeira quando aquy chegamos lhe trouerã.
770. oqual veio oje aquy vestido na sua camisa e cõ
771. ele huu[m] seu jrmão os quaaes forã esta noute
772. muy bem agasalhados asy de vianda como deca
773. ma de colchoões e lençooes polos mais amansar. /
774. Eoje que he sesta feira primeiro dia de mayo pola
775. manhã saymos em trra cõ nossa bandeira
776. e fomos desenbarcar acjma do rrio contra osul

777. onde nos pareceo que serja mjllhor chantar a cruz
778. pera seer melhor vista. e aly asijnou o capitã onde
779. fezesem acoua peraachantar. Eem quanto aficarã
780. fazendo. / ele com todos nos outros fomos pola +

781. abaixo do rio onde ela estava. / trouxeram da
782. ly com esses religiosos e sacerdotes diante cantando
783. do maneira depreciaram. / herdaram já hy algum[n]s de
784. les obra de lxx ou lxxx e quando nos asy virão
785. virem / algum[n]s deles se foram meter debaixo dela
786. ajudarnos. / passamos rio ao longo da praya
787. e fomos para onde avia de seer que sera do
788. rio obra de dous tiros de beata. / aly andando
789. nysto vijnjam bem cl ou mais. / chentada
790. acruz com as armas e deuza de vossa alteza
791. que lhe prim^o pregaram armaram altar ao pee
792. dela. / aly disse missa opadre frey amrique aqual
793. foy cantada e oferecida per esses ja ditos. / aly
794. estiveram com nosco aella obra de l ou lx deles
795. asentados todos em giolhos asy coma nos e qua
796. do veio ao avanheiro que nos erguemos todos e[m] pee
797. com as mãos levantadas. eles se levantaram
798. com nosco e alçaram as mãos. estando asy ataa
799. seer acabado. / e entam tornaramse aasentar co
800. ma nos. E quando levantaram ad[eu]s que nos
801. posemos em giolhos. eles se poserão todos asy co
802. ma nos estauamos com as mãos levantadas.
803. e em tal maneira assegados que certefico
804. avossa alteza que nos fez muita deuação. /
805. estiverão asy com nosco ataacabada acommunha
806. Edepois dacommunham. comungaram esses re
807. legiosos e sacerdotes eocapitã com algum[n]s de
808. nos outros. / algum[n]s deles por o sol seer grãde
809. e[m] nos estando comungando alevantarãse
810. e outros estiverão e ficaram. / huu[m] deles home[m]
811. de l ou lb anos ficou aly com aqueles que fica
812. ram. / aquele em nos asy estamdo ajuntava
813. aqueles que aly ficaram e ainda chamava

814. outros. / este andando asy antreles falando
815. lhes acenou cõ odedo perao altar e depois mostrou
816. odedo perao ceo coma que lhes dizia alguu[m]a
817. cousa debem e nos asy otomamos. / acabada
818. amisa tirou o padre a vestim^{ta} decjma e ficou
819. naalua e asy se sobio jumto cõ ho altar em huu[m]a
820. cadeira e aly nos preegou do auanjelho e dos a
821. postolos cujo dia oje he trautando e[n]fim
822. dapreegaçom deste voso prosegujme[n]to
823. tã santo e vertuoso que nos causou majs de
824. uaçam. / eses q[ue] aapreegaçã senpre esteueram
825. estauã asy comanos olhando peraele. / eaq[ue]le
826. que digo chamaua alguu[n]s que viesem
827. peraaly. / alguu[n]s vijnhã eoutros hiamse e
828. acabada apreegaçom. trazia njcolaa coelho
829. mujtas cruces destanho com cruçufiços que
830. lhe ficarom ajnda daoutra vijnda e ouuerã
831. por bem que lancasem acada huu[m] sua ao pes
832. coço. / pola qual cousa se asentou opadre frey
833. anrique ao pee da cruz e aly ahuu[m] ehuu[m]
834. lançaua sua atada em huu[m] fio ao pescoço fa
835. zendolha primeiro beijar e aleuantar as ma
836. ãos. / vijnhã ajsso mujtos e lancarãnas to
837. das que serjam obra de X ou 1. / e jsto aca
838. bado era ja bem huu[m]a ora depois de meo dja. /
839. vjemos aas naos acomer onde ocapitã tro
840. uue cõsigo aquele meesmo que fez aos out^{os}
841. aquela mostramça perao altar e perao ceo e
842. huu[m] seu jrmaão com elle ao qual fez mujta

843. homrra e deulhe huu[m]ma camisa mourisca eao
844. outro huu[m]a camisa destoutras. / e seg^o oque
845. amy[m] e atodos pareceo. esta jemte nõ lhes faleçe

846. out^a cousa peraseer toda xpaã ca entende
847. re[m]nos. / por que asy tomauam aquilo que nos
848. viam fazer coma nos meesmos. per onde pareceo
849. atodos que nhuu[m]a jdolatria ne[m] adoraçom teem. /
850. Ebem creo que se vosa alteza aquy mandar quem
851. mais antreles de vagar ande. que todos seram
852. tornados ao desejo de vosa alteza. / e pera jssso se alguem
853. vjer ã leixe logo de vijr clerjgo peraos bautizar
854. por que ja emtã teerã mais conhecime[n]to de
855. nossa fe pelos dous degradados que aquy ã
856. treles ficam os quaes ambos oje tam bem co
857. mungaram. / antre todos estes que oje vierã
858. ã veo mais que huu[m]a molher moça aqual
859. esteue senpre aamisa. aaqual deram huu[m]
860. pano cõ que se cobrise e poserãlho darredor
861. desy. / pero ao asentar ã fazia memorea deo
862. muito estender perase cobrir. / asy S^{or} que ajnoce[n]
863. cia desta jemte he tal que a dadam ã seria
864. mays quanta em vergonha. / ora veja vosa al
865. teza quem em tal jnocemçea vjue. ensinam
866. dolhes oque perasua saluacom perteeçe. se se cõ
867. uerteram ou nom. / acabado isto. / fomos asy
868. perante eles beijar acruz e espedimonos e vj
869. emos comer. /
870. creo Snõr que com estes dous degradados que
871. aquy ficam. / ficam mais dous grometes
872. que esta noute se sairam desta naao no esquj
873. fe em trra fogidos. / os quaaes ã vierã majs
874. e creemos que ficaram aquy por q[ue] demanhaã
875. prazendo ads fazemos daquy nosa partida /
876. Esta trra S^{or} me parece que dapomta q[ue] mais cont^a
877. osul vimos ataa out^a pomta que cont^a onorte

878. vem de que nos deste porto ouuemos vista. / sera
879. tamanha que auera neela bem xx ou xxb
880. legoas per costa. / traz ao lomgo do mar em algu[m]as
881. partes grandes bareiras delas vermelhas e delas
882. bramcas e a terra per cima toda chaã e mujto chea
883. de grandes aruoredos. / depomta apomta he toda
884. praya parma muito chaã e muito fremosa. /
885. pelo sartaão nos pareceo do mar muito
886. grande por que aestender olhos ñ podiamos
887. veer se ñ tera earuoredos que nos parecia
888. muy longa tera. / neela ataagora ñ podemos
889. saber que aja ouro nem prata nem nhu[m]a cou
890. sa de metal nem de fero. nem lho vjmos. / pero
891. atrra em sy he de mujto boos aares asy frios e
892. etenperados coma os dantre doiro e mjnho por
893. q[ue] neste tempo dagora asy os achauamos coma os
894. dela / agoas sam mujtas jmfimdas. E em tal
895. maneira he graciosa que querendoa aprouear
896. darsea neela tudo per bem das agoas que tem. /
897. pero omjlhor fruto que neela se pode fazer me
898. parece que sera saluar esta jemte e esta deue
899. seer aprincipal semente que vosa alteza em
900. ela deue lamçar. Eque hy ñ ouuese ma
901. is ca teer aquy esta pousada pera esta naue
902. gaçom de calecut. / abastaria / quanto majs
903. desposiçã perase neela conprir e fazer oq[ue] vossa
904. alteza tamto deseja .s. acrecentam^{to} danosa
905. santa fe /
906. E neesta maneira S^{or} dou aquy avosa alteza

907. doque neesta vosa trra vy ese aalguu[m] pouco a
908. lomguy. ela me perdoe. / cao desejo que tij
909. nha de vos tudo dizer mo fez asy poer pelo

910. meudo. E pois que Snõr he çerto que asy
 911. neeste careguo que leuo como em out^a qual
 912. quer coussa que de vosso seruiço for uosa alteza
 913. ha de seer de my[m] mujto bem seruida. / aela
 914. peço que por me fazer singular merçee mã
 915. de vijr dajlha de sam thomee jorge dosoiro
 916. meu jenrro. o que dela rreceberey em mujta
 917. merçee. / beijo as mãos de vosa alteza. /
 918. deste porto seguro da vosa jlha de vera cruz oje
 919. sesta feira prim^o dia demayo de 1500 //

Carta de Pedro vaz caminha so-
 bre o descobrimento da Terra nova
 q[ue] fez Pedro Alves. Feita na Ilha de
 Vera Cruz em o 1.^o de Maio de
 1500

Gaveta 8.^a
 Maço 2.^o-N.^o 8

Aqui esta junta huma Copia para
 melhor intelligencia deste original

Transcripto do L. 13 da Reforma
 dos Documentos das Gavetas a f. 43
 p^d uaaz de camjnha
 Carta de p^o Vaaz
 decaminhadodesco
 brime[n]to dattra
 noua q[ue] fez p^o Alvarez

A El Rey noso Sñor

Anexo 2

Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal / Manuscrito Original

(De acordo com *A carta de Pero Vaz de Caminha*, arquivada no Instituto dos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo gaveta 8 – maço 2, № 8.)

